

Ottília Eltz Atayde
Fidélis Dalcin Barbosa

Camila, a sobrevivente, e seu tio herói

ANTÔNIO MARCOS ELTZ ATAYDE
– O Menino de Ouro



EDIÇÕES EST

A cada ano, no Brasil acontecem 130 acidentes aéreos. O índice subiu mais de 30% no ano de 1995, principalmente por causa da inflação dos jatinhos e dos teco-tecos dos aeroclubes.

Em 1977 em Tenerife, nas Ilhas Canárias, dois Jumbo – um decolando e outro pousando – trombaram na pista do aeroporto matando 583 pessoas, na maior catástrofe da história da aviação.

No dia 02-1990, em Puerto Plata, República Dominicana, o Boeing 757 da companhia turca Birgen Air, fretado pela empresa dominicana Alas Nacionales, caiu logo depois de decolar, matando 189 pessoas, quase todos turistas alemães.

No dia 22 de outubro de 1995, outro acidente fatal incorporou-se na estatística dos acidentes aéreos. Aconteceu com dois pequenos aviões do Aeroclube de Canela, RS, fazendo com que o nome desta já famosa cidadezinha da serra gaúcha se tomasse ainda mais conhecido.

A tragédia, que vitimou nove pessoas, comoveu o Rio Grande do Sul, não só pelas mortes que ocasionou, mas, ainda, porque no acidente



Ottília Eltz Atayde
Fidélis Dalcin Barbosa

**Camila, a sobrevivente, e seu tio
herói**



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2013

Ottília Eltz Atayde
Fidélis Dalcin Barbosa

**Camila, a sobrevivente, e seu tio
herói**

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, Biografia. -Porto Alegre: Edições EST, 1996. 79p.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilhual 3,0 Nao Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 03/07/2013

Capa: Antônio Suliani (nas fotos: Camila e Marcos Antônio)

A862c Atayde, Otília Eltz

Camila, a sobrevivente, e seu tio herói [recurso eletrônico] : Antônio Marcos Eltz Atayde, o menino de ouro / Otília Eltz Atayde, Fidélis Dalcin Barbosa. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2013.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-8326-017-2

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Atayde, Família – Biografia. 2. Memórias. I. Barbosa, Fidélis Dalcin, 1915-. II. Título.

CDU: 929.52

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Nenhum homem
tem maior amor que este:
dar a vida pelos outros.

São João, 15,13

Não quero ninguém
chorando por mim
nem sofrendo,
porque eu já me purifiquei.

Se você verdadeiramente me ama,
não chore por mim.
Obrigado por tudo.
Eu sou feliz.

Sumário

CANELA - PÓLO TURÍSTICO	11
A TRAGÉDIA	13
PAIS E AVÓS MATERNOS	16
OS FILHOS E NETOS	18
MARCOS ANTÔNIO - O TIO HERÓI	21
EM CAPÃO DA CANOA	26
MARCOS E OS SOBRINHOS	29
REFORMA DA CASA	31
MENINO DE OURO	34
CAMILA	38
NO HOSPITAL	41
DEPOIMENTO DE CAMILA	44
MAIS DETALHES	48
O FUNERAL	52
UM HEROI GAUCHO	55
SAUDADES	57
REDAÇÕES DO MARCOS ANTÔNIO	60
01. NÓ ANIVERSARIO DA CAMIL	63
DEPOIMENTO DE CÁRMEN LÚCIA DE ATAYDE BEZZI	65
HOMENAGEM DA LIAMAR	66
SONHOS DA CAMILA E DE SUA MÃE	69
HOMENAGEM DA FAMÍLIA ATAYDE	71
ADRIANA GISELE BUENO - CRISTY E SUDERCY CALDAS E GIANA	73
POEMAS DA PROFESSORA LIAMAR DE ATAYDE MARTINS	75

CANELA - PÓLO TURÍSTICO

Canela, a par de Gramado e Nova Petrópolis, bucólicas cidadezinhas da serra gaúcha, no meio de luxuriantes matas nativas, com, soberbos pinheirais e enfeitadas regiamente de hortênsias, constituem-se em fascinante atração turística, disputada por brasileiros e estrangeiros.

Desfrutando os ares saudáveis das altitudes, respirando inebriantes aromas agrestes, em recanto soberanamente pitoresco, veranistas, vindos de longe, galgam montanhas para deleitar-se em autêntico paraíso na terra.

Os tropeiros que procediam dos campos do nordeste rio-grandense, seguindo para São Leopoldo e Porto Alegre, costumavam descansar à sombra de frondosa caneleira, surgindo daí o nome de *Canela*.

Em 1870, a família Wasen, fugindo da perseguição dos Mucker, refugiou-se aqui, dando assim início ao povoamento do atual município de Canela, criado em 28-12-1944, numa altitude de 850 metros, desmembrado de Taquara.

Na década de 1910, João Corrêa da Silva, considerado o fundador de Canela, promovia o início da construção da ferrovia, ligando a serra a Porto Alegre, ferrovia inaugurada em 1924.

Além de promover o povoamento da pitoresca região do Caracol, a estrada-de-ferro atraía, principalmente, madeireiros que chegavam para industrializar a grande reserva de pinheiros araucárias.

Os povoadores eram, sobretudo, de origem germânica e italiana, dos municípios vizinhos de Taquara, Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Carlos Barbosa...

Na década de 1930, inaugurava-se a importante Fábrica de Celulose e Papel, no gênero a única da América Latina na época, e até hoje a maior empresa da cidade de Canela.

Em 1940, Canela tornava-se a mais famosa estação de veraneio do Estado. Nos meses de janeiro e fevereiro, numerosas famílias

deslocavam-se de Porto Alegre, para desfrutar os ares saudáveis, a temperatura amena destas alturas.

Praticava-se a equitação até o Caracol, Saiqui, Morro Pelado, Laje de Pedra... Concluído o ciclo da madeira, na década de 1950 e 1960, Canela volta-se para o turismo. Surgem logo importantes hotéis, como o Grande Hotel, o Bela Vista, o Laje de Pedra, o Continental...

Concorrem, ainda, para incremento do turismo, as três grandes barragens da CEEE que movimentam as usinas do complexo Bugres-Canastra; a Romaria de Nossa Senhora do Caravaggio de Saiqui; a Igreja Matriz, a famosa "Catedral de Pedra"; as ruínas do inacabado Cassino; o Rodeio Crioulo; o artesanato; as fábricas de malhas; o Palácio das Hortênsias, sede de verão do Governador do Estado; e, sobretudo, a festa do Natal, com fantástica decoração e iluminação.

Por sua privilegiada estrutura social e posição geográfica, Canela sedia convenções, congressos, encontros, concentração de grandes times de futebol, festivais, jogos estudantis, a Festa das Hortênsias, festas de Teatro, Festival Internacional de Teatro de Bonecos...

Recentemente, em 1995, outro acontecimento, embora trágico, veio aumentar ainda mais a fama do nome de Canela. Referimo-nos à tragédia aérea que vitimou nove pessoas, salvando-se apenas uma menina de 12 anos.

Desta tragédia, especialmente, vão se ocupar as presentes páginas, escritas pela própria avó da única sobrevivente, Otília Eltz Atayde.

A TRAGÉDIA

Na tarde ensolarada de domingo, dia 22 de outubro de 1995, após participarem de um campeonato de pouso em homenagem ao Dia da Aviação (23 de outubro), dois pequenos monomotores acabaram chocando-se no ar, provocando uma tragédia que vitimou nove pessoas, salvando-se apenas uma menina de 12 anos.

O *Sertanejo* PF-EOX, de Porto Alegre, levava seis pessoas, que pereceram. São:

1º o piloto *Adriano Celli Dalla Santa*, de Porto Alegre, filho de Rui Dalla Santa e Sílvia Celli Dalla Santa, irmão de Flávia Dalla Santa, neto de Raimundo e Vília Dalla Santa e namorado de Cristina Dummer.

2º *Henrique Aveline da Silva Souza*, de 32 anos, e sua noiva.

3º *Dinamara Souza Dias*, de 30 anos; ambos de Rio Grande, estavam passando as férias em Canela.

4º *César Augusto Schaeffer*, de Canela, copiloto, 24 anos, que havia prestado exame vestibular no Curso de Ciências Aeronáuticas da PUCRS, sem conseguir aprovação, prometendo tentar novamente.

5º *Antônio Sérgio Prux Fogaça*, de 37 anos, de Canela, pedreiro, filho único de Laerte Fogaça, separado, que viajava pela primeira vez de avião.

6º *Emiliano Fogaça Becker*, de 13 anos, primo de Antônio Sérgio Prux Fogaça que aniversariara no dia anterior. Sua mãe, Vera Fagundes salvou-se providencialmente; havia voltado para casa em busca da carteira do dinheiro, que havia esquecido, e ao chegar ao aeroporto o avião já havia partido...

O *Cessna 172 CX-A TR*, de Canela, levava quatro pessoas, todas de Canela:

1º *Luiz Onero Savicki Hoffmann*, de 43 anos, piloto e proprietário do avião e de uma forma eletrônica.

2º *Lúcio Parmegiani*, de 33 anos, dono de uma empresa de refeições industriais e do restaurante Nutrisserra; resolveu participar do voo depois de ver o filho Thiago, 17 anos, descendo do avião, sido premiado em concurso de redação promovido pelo Aeroclube, em homenagem ao Dia do Aviador; convidado por Lúcio, o cunhado José Clóvis Rodrigues desistiu do voo porque devia participar do funeral de um amigo; Lúcio deixou a esposa Mara e os filhos Thiago e Letícia.

3º *Marcos Antônio Eltz Atayde*, de 32 anos, funcionário da Auto Canela concessionária Chevrolet. Enquanto o avião caía, ele soltou o cinto para proteger a sobrinha.

4º *Camila Atayde Martins*, de 12 anos, a única sobrevivente.

* * *

Conforme relato da imprensa, os dois monomotores voavam na mesma direção no momento do choque, a uns 600 metros do solo. O Sertanejo foi caindo em parafuso, indo espatifar-se contra um barranco de pedra, no bairro três Pinheiros, a 4 km do centro da cidade de Gramado, no km 39 da RS-115, que liga Gramado a Taquara, proximidades do Lago Negro.

O Cessna, perdendo altura, foi precipitar-se dentro de um lago de propriedade de Luiz Roldo, na Linha Tapera, na curva da Farinha, imediações do km 51 da RS-235, entre Gramado e Nova Petrópolis.

O soldado Vanderlei Machado de Oliveira, da Polícia Rodoviária Estadual, e os colegas Éder Rudimar Oro de Oliveira, de 35 anos, e seu irmão Jonimar Oro de Oliveira, de 38 anos, os quais estavam parados no acostamento da RS-115, imediatamente, na Caravan da PRE, seguiram para o local do acidente. Vendo que não havia sobreviventes do Sertanejo, trataram de percorrer a rota do outro monomotor. Encontraram o Cessna mergulhado dentro do açude. "Vimos a menina se debatendo na água e um homem boiando" - declarou Vanderlei - "Os outros dois ficaram presos na fuselagem".

Os três patrulheiros entraram na água, carregaram a menina seu tio na maca, levando-os ao Hospital São Miguel, de Gramado, auxiliados por pessoas que estavam no local.

Com um corte nas costas, Marcos Antônio chegou sem vida ao hospital, enquanto sua sobrinha estava consciente, mas em estado de choque.

O secretário do Aeroclube de Canela, João Carlos Beleza, declarou que o acidente aconteceu depois do campeonato de pouso e não durante a competição. Os moradores dos arredores do aeroclube teriam manifestado, dias antes do acidente, preocupação com manobras arriscadas de alguns pilotos.

Conforme publicado do Correio do Povo, dia 19-12-95, "o avião Cessna, que colidiu com um Sertanejo, estava com a autorização de sobrevoos no Brasil vencida desde maio". A informação foi enviada pela Divisão de Prevenção de Acidentes Aeronáuticos à delegada de polícia de Gramado, Raquel Dornelles. Conforme o documento, o Cessna estava devidamente registrado no Uruguai, mas não poderia voar no Brasil sem autorização. "O acidente não ocorreu por incompetência do piloto Luiz Onero Savicki Hoffmann, afirma, com base em laudos da perícia, a delegada Raquel. Ela atribui o desastre ao azar do piloto Hoffmann, que também morreu. Assim, será sua família que vai sofrer pressões dos parentes dos mortos, por indenização", segundo acredita Raquel.

Alaor, Liamar e Camila Martins publicaram na imprensa um agradecimento ao corpo clínico, enfermeiros e administração do Hospital Arcanjo São Miguel, de Gramado, especialmente aos médicos Dr. Armando Bráulio, Dr. Nelson Tomazelli, Dr. Constantino Sommer e Dr. Flávio Szabluk.

PAIS E AVÓS MATERNOS

Eu, Otília Eltz Atayde, com a colaboração do escritor Fidélis Dalcin Barbosa, passo a historiar a vida de nossa família. Faço-a agora pela tragédia que vitimou meu filho Marcos Antônio, o qual, num gesto de heroísmo, deu a própria vida para salvar a sobrinha Camila.

Carlos Albano Eltz, com a esposa Erna Eva Braier Eltz e os filhos Celeno Heitor e Alaydes, transferiram-se de Taquara para Canela. Carlos era agricultor e Erna, costureira e parteira. Passaram a cuidar do sítio de um alemão de sobrenome Werner. Erna, que dominava o idioma alemão, facilitou o entendimento, fazendo com que passassem a morar junto numa casa modesta, que servia de moradia e de estábulo. Naquela casa, nasceram mais duas filhas eu, Otília, e Nelita.

Lembro-me de quando em pequena à noite acordava com batidas na parede do quarto. Não tinha medo e não me importava com aquelas estranhas batidas. Todavia, crescendo, principiei a me preocupar. Tratei, então, de descobrir a origem daquelas misteriosas batidas.

No dia seguinte, de manhã cedo, sem nada dizer à minha mãe, fui até a porta da frente, que estava fechada. De lá espiei para dentro. Qual não foi minha surpresa. As batidas na parede eram das vacas, que, comendo no cocho pregado à parede, batiam com as aspas, provocando aquele ruído...

Eu tinha então dois anos. Faz, pois, 60 anos. O tempo foi passando. Meus pais mudaram-se para se empregar na Fábrica de Celulose e Papel, nos arredores da cidade.

Nós, quatro crianças, frequentávamos a escolinha do lugar, que tinha um professor para toda a turma. A mãe costurava.

Nasceu mais uma filha, a Marlene. Éramos então cinco filhos de Carlos e Erna.

Visto como naquela precária escolinha pouco aprendíamos, a mãe resolveu matricular-nos na Escola Nossa Senhora Auxiliadora, dirigida por freiras, que acabavam de chegar, a convite do falecido Cônego João Marchesi, vigário da paróquia.

Ali era uma beleza. Estudávamos de manhã e de tarde. Concluí a 4ª série do curso primário. Já com 14 anos, a mãe nos tirou da escola para trabalharmos na Fábrica de Celulose e Papel, que estava dando serviço aos filhos dos empregados. Trabalhei ali até a época de casar.

Namorei um rapaz da família vizinha, por quem os pais tinham grande simpatia. Acabei casando em março de 1952 com aquele jovem - Manoel Osmar de Atayde, natural de S. Francisco de Paula, filho de João Júlio Atayde e Ana Maria. Durante cerca de 20 anos, meu marido foi motorista de caminhão da Madeireira Agrícola e, a seguir, até hoje, com 62 anos, aposentado, e motorista de táxi.

OS FILHOS E NETOS

No dia 21 de abril de 1953, nascia o primeiro filho, que recebeu o nome do avô materno - João Carlos Eltz Atayde -, neto materno de Erna e paterno de Ana.

Em 1955 nascia a Cármen Lúcia. Em 1958, a Liamar. E, finalmente, em 1963, o Marcos Antônio.

João Carlos era menino travesso, que me deu muito trabalho, por falta de experiência da mãe. Eu lia muito, procurando aprender a maneira de educar bem os filhos.

Com a Cármen Lúcia, foi mais fácil, dada a experiência que fui adquirindo. O João Carlos tinha ciúme dela. A Liamar, igualmente, não me deu muito trabalho, até os 12 ou 13 anos.

O pai, caminhoneiro, nunca parava em casa. Aparecia de vez em quando, sempre rapidamente. Então, eu fazia o papel de mãe e de pai.

Os filhos sempre tiveram em mim, não apenas uma mãe, mas também uma mestra. Procurei ensinar-lhes a rezar e serem tementes a Deus desde crianças. João Carlos, o mais velho, fez a primeira comunhão com oito anos. A Cármen Lúcia, com seis. A Liamar e o Marcos Antônio, com sete. Estavam todos bem preparados.

Durante longo tempo, eu tinha o costume de, à noite, depois de costurar, pegar a Bíblia; ia à beira da cama dos filhos e lia trechos, sobretudo o Salmo 121. Tal era a minha fé no Senhor, por que sei que Ele é grande e santo é seu nome. Ele me dá força para superar qualquer dificuldade. O Senhor é meu pastor, nada me faltará. Ergo meus olhos para os montes, de onde me vem o socorro. Meu socorro vem do Senhor, que fez o céu e a terra. Eis aí a força que muitos não entendem, mas eu e Ele nos entendemos.

Sempre procuro dar exemplo de fé e de amor ao próximo. Faço doação de mim mesma, procurando levar uma vida de oração. Na verdade, eu sou aquilo que rezo. Nem sempre a vida é um mar de rosas. Não faltam os espinhos. Mas, com calma e paciência, sempre procuro

resolver tudo, pedindo a ajuda do Senhor. Nada faço sem consultar o pai do Céu.

Sempre trabalhei e trabalho em grupo de novena. Fui presidente do Apostolado da Oração do Sagrado Coração de Jesus, Ministra da Comunhão de doentes e idosos. Na minha modesta casinha, sempre há alguém pedindo ajuda e meus filhos sempre vindo a mãe de mãos estendidas, num gesto de carinho. Já acolhi em minha casa pessoas desconhecidas e estrangeiros. Saíam dizendo que Deus me ajudasse, a mim e toda a minha família. Sou também a enfermeira da vizinhança.

Se existe céu, como está escrito, ele começa em minha casa. Tenho muita gente olhando para mim e muitos que já partiram desta vida. Sempre que vejo algum com astral meio baixo, eu digo: Por que você não tenta fazer de sua casa um verdadeiro céu na terra? Eu já cansei de repetir a muita gente: Venha conhecer o meu céu.

Você também, amigo leitor, venha conhecer o meu céu; onde Jesus mora nos quatro cantos da casa. É uma história verdadeira, que faço questão absoluta de contar. Neste céu criei quatro filhos, que têm um pai caminhoneiro, que é bom e nunca deixa faltar comida. O resto é comigo. Nunca reclamei nada. Nunca briguei. Sempre satisfeita com o que tinha e tenho. Tudo era para os filhos: educação, saúde, roupa, tudo. Meus filhos nunca me viram brigando com o pai, ou exigindo alguma coisa. Tenho dois genros que são dois filhos, uma nora que é uma filha, e um filho solteiro, que era o meu menino de ouro e com a qual Deus me aplicou a mais dura das provas, e mais quatro netos, que são quatro estrelinhas que brilham dentro do meu céu.

* * *

Os filhos frequentaram a escola aqui mesmo na cidade de Canela. A Liamar formou-se professora e leciona no Colégio das Irmãs de Santa Catarina em Novo Hamburgo. Casada com o bancário Alaor Martins, pais da querida Camila, moram naquela cidade, mas nas férias vivem aqui em sua casa de veraneio, ao lado da nossa casa.

O João Carlos, casado com Ingrid Madalena Müller, é pai dos meus netos: Ismael e Ivi Bianca. Residem em Canela, onde ele trabalha com estofados.

A Cármen Lúcia, casada com Marcos Bezzi, tem curso universitário de Educação Física. Residem em Porto Alegre, onde ela trabalha na agência de viagens ISATO.

Camila, Ismael, Gustavo e Ivi, que faziam a alegria do Marcos Antônio, são os nossos queridos netos, que frequentam nossa casa alegrando-a. Tenho orgulho dos meus netos.

MARCOS ANTÔNIO - O TIO HERÓI

Numa fria manhã de 2 de maio de 1963, nascia meu último filho. Um garoto gorducho que levou o nome de Marcos Antônio, filho de Osmar Atayde, caminhoneiro, e de Otília, costureira.

Eu, como ficou dito, fazia o papel de pai e de mãe, um a vez que o Osmar quase nunca parava em casa, em função de seu trabalho, a princípio como caminhoneiro, e agora como motorista de táxi. Ele me havia confiado inteira responsabilidade sobre meus filhos.

- Eu não paro em casa - declarava ele. - Então, tu ficas responsável por tudo o que acontece aqui em casa com as crianças.

Então, como eu amava muito meus filhos, pus mãos à obra que me fora confiada. Pedi a ajuda do Senhor, que nunca deixou de estar ao meu lado como amigo e protetor, em toda a vida, repleta de alegrias e, sobretudo, de duras provas, como direi ao longo destas páginas.

A infância de Marcos Antônio, junto com os três irmãos, decorria bem. Mas um dia de rigoroso inverno, em junho de 1965, resolvi colocar um pouco de carvão numa bacia de alumínio, posta sobre dois tijolos, no meio da cozinha, a fim de aquecer a casa.

O Marcos, então com dois anos, e a Liamar com sete, ficaram na cama. Preparei-lhes dois sanduíches, que foram comendo enquanto ou limpava a casa, para depois trazê-los à cozinha limpinha e quente.

Quando voltei do quarto, vi aquele carvão em brasa e resolvi levar para o quarto das crianças. Coloquei as brasas num cantinho e falei:

- Fiquem na cama, que a mãe vai lavar a cozinha e depois vem buscar vocês.

Eles ficaram comendo e eu, ligeira, lavei tudo. Quando estava lavando na porta, a Liamar vem para a cozinha com o Marcos desmaiado nos braços. Larguei tudo e falei:

- O que tem este menino, meu Deus? - E a Liamar:

- Ele estava gemendo. Por isso, trouxe para cá.

Eu larguei tudo e exclamei: Meu Deus, este menino esta morrendo: Deitei-o na cama, no quartinho dos fundos. Escutei o coração que batia normalmente. Mas eu não estava entendendo. Chamei a vizinha e pedi que fosse depressa chamar o médico. O Dr. Arri Helmann veio imediatamente. Consultou e não achou nada de anormal. Perguntou:

- O que é que o menino tinha?

- Eu dei-lhe um sanduíche para comer. Será que fez mal? – respondi.

Vendo o carvão aceso, perguntou o médico:

- Você colocou carvão no quarto?

- Sim - respondi.

- Óxido de carbono. Ele está intoxicado com óxido de carbono. Agora é só dar ar puro a ele.

Abrimos as janelas, com aquele frio. O garoto parecia mortinho, bem branquinho. Falei:

- Doutor, eu não sabia que isso poderia provocar a morte.

- Não - respondeu o médico. - Esse aí está salvo porque o tiraram do quarto, senão teria morrido mesmo.

E o médico receitou: - Janela aberta. E amanhã levem-no lá no consultório.

No outro dia, lá no consultório, o médico perguntou:

- Como foi?

- Assim que ele acordou - respondi - abriu os olhos, estavam vermelhos como brasas, e começou a chorar. Chorou muito. E disse que estava sonhando caminhando em cima de um fogão muito quente.

Foi um a lição para mim, que por pouco não matei meu filhinho. E quem o salvou foi a Liamar, a mãe da Camila, que percebeu que o guri não estava bem, tirou-o da cama, levando-o para a cozinha.

Foi a primeira vez que o Marcos se salvou da morte. Menino amoroso, trabalhador, aos cinco anos ajudava a cortar a grama, carregar lenha...

* * *

Certo dia, estava um senhor fechando um terreno em frente de nossa casa. O Marcos foi lá ajudar a segurar os palanques madeira e depois colocar o arame. Terminado o trabalho, aquele senhor perguntou:

- Como é teu nome, rapaz?

- Marquinhos - respondeu.

- Muito bem, Marquinhos. Para mim, você é um menino de ouro, tão pequeno e tão trabalhador!

Chegando em casa, ele me relatou as palavras do vizinho. Eu disse:

- Meu filho, para mim também você é um menino de ouro.

Ele me abraçou, me beijou, dizendo: - Tu és para mim uma mamãe de ouro.

* * *

Marcos Antônio foi batizado com um mês e pouco, na Igreja Matriz de Canela sendo celebrante o então pároco Cônego João Marchesi; foram seus padrinhos: Nelson Silvestrin e Vanderlei Branchini. Em 30-10-1977, na mesma igreja de Canela, foi crismado pelo Bispo Auxiliar de Porto Alegre, D. Antônio do Carmo Cheuiche, sendo padrinho João Maria dos Santos. No dia 17-10-76 o mesmo Cônego Marchesi ministrou-lhe a Primeira Eucaristia.

De 24 a 27-5-93, Marcos Antônio participou de um curso de vendas para Micro e Pequenas Empresas. Junto como irmão João Carlos passou a trabalhar no Artesanato Brazão. A Cármen Lúcia, também passou a trabalhar com 14 anos e estudava à noite. A Liamar e o Marcos, a princípio, só estudavam. Um dia, Marquinhos foi ao mercado com o filho de uma vizinha. Em caminho, o amigo parou e disse:

- Eu não avisei a mãe. Vou lá.

- Vai- disse Marcos - que eu fico te esperando.

Era numa esquina ao lado de uma casa enorme, cercada com um muro de metro e meio por uma grade de lanças. Estava lá parado. Passou

um menino e o empurrou sobre as grades, indo ele cair dentro do terreno. O malvado do garoto, em vez de socorrê-lo, fugiu do local.

Marcos teve dificuldade de sair. Foi correndo para casa, que era perto. Eu estava lavando roupa. Ele parou na porta e falou:

- Mãe, não fique nervosa.

Ele segurava a mão fechada com a outra.

- Filho – falei - estás machucado?

Ele abriu a mão esquerda e vi um corte praticado por uma flecha da grade de ferro. Corte de uns dez centímetros, entre o polegar e o indicador. Ele quieto, preocupado comigo. Chamei a vizinha:

- Olhe o que fizeram com o Marquinhos. É preciso levá-lo ao hospital para fazer pontos.

A vizinha se prontificou a leva-lo ao hospital no seu fusca. Lavei a mão dele e disse: Fique tranquilo, você vai melhorar.

Ao entrar ele no carro, notei um enorme corte na perna direita, na altura do joelho. A lança da grade havia rasgado uns 12 centímetros. Levou sete pontos na mão e 11 na perna. Não largou uma lágrima, para não deixar a mãe nervosa e preocupada. Fizemos um bom tratamento com curativos, todos os dias.

E continuou a estudar de manhã. Começou a trabalhar com 13 anos de idade.

Meus quatro filhos tinham todos os seus amigos. Eram muito estimados pelos professores e vizinhos, que nunca me fizeram uma reclamação.

Eu fazia questão de educar bem meus filhos, para se comportarem com os outros. Um dia, a Cármen me reclamou:

- Mãe, como é que a senhora nunca me elogia diante dos outros? As outras mães vivem gabando seus filhos e a senhora nunca.

- Minha querida filhinha – respondi - a mãe não precisa elogiar vocês diante dos outros. Eu sei quem vocês são. Eu gosto muito de vocês e fico feliz quando as pessoas vem elogiar vocês para mim. Isto é

gratificante. Pensa bem, Cármen, se não vale a pena criar os filhos para que sejam bem estimados pelos outros.

Ela entendeu e eu fiquei contente.

EM CAPÃO DA CANOA

Numa sexta-feira de 1993, meu filho Marcos Antônio chegou do trabalho para o almoço e falou:

- Mãe, amanhã, sábado, depois do meio-dia, eu e mais três colegas vamos à praia de Capão da Canoa, para assistir ao encerramento do concurso Garota Verão.

Eu não gostei, mas fiquei quieta. Ele pediu:

- Mãe, prepare minhas roupas na bolsa. Assim que eu chegar do serviço, almoço e logo vamos para a Rodoviária.

- Está bem, Marquinhos - respondi. - Vou arrumar tudo direitinho.

Ele foi para o trabalho, sábado de manhã. E eu já comecei a rezar. Pedi a proteção para meu filho. Tenho muito medo do mar. E ele não sabe nadar.

Eu estava preocupada. Então me lembrei de um chaveirinho com a imagem do Sagrado Coração de Jesus. Rezei pedindo a Deus, que protegesse meu filho, caso estivesse em perigo.

Ele chegou em casa, almoçou muito feliz e contente, pegou a bolsa e veio ao meu encontro. Deu-me dois beijinhos, dizendo:

- Tchau, mãe. Eu volto domingo de tarde. Olhe na televisão o desfile, tá?

- Sim, filho. Olha aqui este chaveirinho. Coloque no fecho da bolsa. É para te proteger.

E partiu feliz. E eu o entreguei nas mãos de Nosso Senhor. E não pensei em mais nada a respeito.

No domingo, em casa, olhamos na televisão o desfile das belas garotas na passarela. Lá atrás, aparecia a praia, com muita gente tomando banho de mar. Pensei: será que o meu Marquinhos não está ali?

Passou o domingo. O Marcos chegou cansado da viagem. Tomou banho. Jantou. Eu comentei o desfile. Ele disse que não estava muito

animado. Mas eu achei que ele falou assim porque estava cansado. E não puxei mais o assunto. Ele foi dormir.

* * *

Segunda-feira, como fazia sempre, chamei-o às 7 horas. Levantou, tomou café e foi para o trabalho sem nada comentar acerca do que passara no mar, como fiquei sabendo depois.

Voltou ao meio-dia para o almoço. Então, ele falou:

- Sabe, mãe, que eu pensei que ia morrer afogado no mar.

- Meu filhinho - exclamei apavorada - como foi? Meteu-se na água sem saber nadar, meu Deus? Me conte, filho.

- Mãe, foi o teu Jesus que me salvou.

- Jesus, muito obrigado! - exclamei erguendo os olhos para o céu.
- Mas conte, filho.

- Mãe, a gente entrou no mar não muito fundo. A água dava pelos joelhos. Convidei três amigos para entrar mais um pouco. E logo caímos num buraco da altura e do tamanho desta casa. Eu fui até o fundo e tomei água. Dei um impulso com os pés e vim à tona. Quando queria respirar, vinha outra onda e não conseguia respirar. E afundei outra vez. Vim à tona de novo. Vi, então, meus amigos se debatendo. Não conseguíamos sair por causa das ondas e o buraco muito largo. Tomava mais água e afundava.

Na terceira vez - continua contando - pensei: Agora eu não aguento mais. Vou morrer afogado. Preciso respirar. Pensei em ti, mãe, e das orações, no Jesus. E, num piscar de olhos, em vez de ir ao fundo do buraco, fui jogado na areia da praia... Assim que me vi salvo, pensei: só pode ter sido o Jesus da mãe que me salvou, jogando-me fora do mar. Levantei e fui para longe da praia, sempre pensando que eu fora salvo milagrosamente, graças às orações da mãe e pela fé em Nosso Senhor.

- Meu filho querido! - exclamei, abraçando-o. - Marquinhos do céu, já pensou se tivesses morrido afogado, meu Deus! Eu não iria aguentar, ir te buscar morto na praia. Nem quero pensar.

- Sabe, mãe, eu tive tanto medo de morrer. Só pensei em ti.

E eu, também em pensamento: meu filho é tão bom e querido. Por isso, Deus lhe poupou a vida... Sabe lá onde meu filho vai morrer agora... Mas logo afastei este mau pensamento. Abracei-o, beijei-o com muito carinho, dando graças a Deus.

MARCOS E OS SOBRINHOS

Daí por diante, eu passei a curtir ainda mais meu filho, mas muito mesmo. Dava-lhe mais atenção, mais amor, mais carinho. Tudo eu repartia com ele: tempo de olhar televisão, chocolate, refrigerante, alegria de estar junto com ele. Tomar café juntos. Jantar juntos.

Claro, ele tinha o tempo dele para trabalhar e estudar de noite. Mas dava as voltinhas dele. Ia de vez em quando a um baile, divertindo-se sadiamente. Mas em casa, era o meu menino de ouro, sem exageros.

Ele gostava muito de aviões e de brincar com os sobrinhos. Era um homem com coração de menino, uma verdadeira criança grande.

Seus sobrinhos - a Camila, o Ismael, o Gustavo e a Ivi - quatro crianças alegres e felizes, faziam a harmonia na casa da vovó Ottília e do vovô Osmar. Sábado e domingo, os quatro se reuniram, em nossa casa para almoçar juntos.

Eram quatro famílias junto. Três filhos casados e Marcos Antônio solteiro, com os pais. Tudo era alegria.

Marcos era sempre o assador de carne, servia a todos com carinho. Ligava o rádio bem alto com músicas. Passávamos o domingo em grande festa.

Ele não pensava em casar, a fim de solteiro curtir mais a família. Adorava andar de bicicleta com a sobrinha Camila e o sobrinho Ismael. Era muito amigo do cunhado Alaor, Pai da Camila, e do cunhado Marcos Bezzi, casado com a irmã mais velha, a Cármen.

Era também grande amigo do irmão mais velho, o João Carlos, casado com a Ingrid, mãe de Ismael, sobrinho muito querido do Marcos.

Aos domingos o quarto dele virava uma bagunça com estes quatro sobrinhos barulhentos, que faziam teatro, olhavam televisão, escutavam fitas. Enfim, pintavam o sete no quarto do tio.

Quando iam embora, a vó Ottília fazia uma limpeza geral, para, o filho poder dormir. Ele não reclamava. Apenas dizia: Bah, mãe, que esculhambação!

Mas não é nada. Os sobrinhos vão crescer e tudo vai mudar. O tio nunca foi ruim para eles.

Contudo – como diz o ditado - o que é bom dura pouco. Nós mal podíamos imaginar que muito em breve iríamos perder o filho brincalhão.

Um sábado de tarde, o Marquinhos estava nos fundos da casa, fazendo limpeza na casinha do cachorro. E, como por cima de nossa casa os aviões passavam baixando para aterrissar logo ali adiante, ele se deliciava olhando para o alto. Então, naquele dia, quando limpava a casa do cachorro, passou um avião. Ele quis me chamar e caiu por cima dumas tabuas. Eu estava lavando a louça e corri para ver o que tinha acontecido, pois o Marcos chamou de um jeito meio estranho. Assim que cheguei, perguntei:

- Que é isso, filho?

- E ele, rindo, caído, disse:

- O avião, mãe. Eu queria acompanhar o voo do avião e caí por cima destas tábuas.

- Nossa, Marquinhos - exclamei brincando - estes aviões ainda vão te matar.

Quando ele via um avião que descia, pegava a bicicleta e corria para o aeroporto. E lá ficava deliciando-se a olhar as pequenas máquinas voadoras, sonhando poder um dia fazer um passeio de avião por cima da cidade.

Indo para o aeroporto junto com o sobrinho Ismael, que já havia dado um passeio de avião com o pai, João Carlos, Marquinhos suspirava poder um dia voar também de avião.

- Por que não vai, Marquinhos? - perguntava o irmão.

- Vamos. Hoje estão fazendo voos panorâmicos.

- Não, mano, hoje não. Só quero olhar os aparelhos.

Gostava de fotografar os aviões.

REFORMA DA CASA

Na casinha azul-horizonte, na rua João Manuel Corrêa, 180, para alegria da mãe, Marcos resolveu fazer uma reforma. Havia 32 anos que a casa tinha muitas goteiras. Quando chovia, ele dizia:

- Mãe, um dia vou trocar o telhado desta casa, para não chover mais em cima dos móveis.

Em março de 95, Marcos conseguiu fazer a reforma. Contratou um carpinteiro e os dois principiaram a arrumação. Desmancharam todo o telhado, deixando uma coisa horrível. A vizinhança se horrorizava com o lamentável estado da casa assim sem telhado.

O tempo colaborou e logo conseguiram colocar o telhado novo. O Marcos, assim que chegava do trabalho, satisfeito ia comentar com a mãe:

- A casa já está ficando bonitinha, não é mesmo?

- Sim - concordava eu. - Já está bem diferente.

Terminada a reforma, o Marcos quis pintar toda a casa. E qual vai ser a cor? E foi comprar tinta. Falou:

- Mãe comprei a tinta. Eu acho que a senhora vai gostar. Contratou um pintor e começaram a pintura. Parede gelo. As janelas azul-horizonte. Muito bonito. Fez tudo do gosto dele, mas sempre consultando a mãe se estava gostando. Eu sempre estava de acordo.

Assim que a casa ficou pronta, tudo bonitinho, telhado novo, paredes pintadas, só faltavam uns arremates, que o próprio Marcos ia fazer, para economizar.

Ele estava tão feliz com a casa nova, reformada. E prometeu fazer outras arrumações no quarto dele. Arrumar em roda da casa, fazer casinha nova para os cinco cachorros. Marcos gostava muito de animais. Amava os três gatos e os cinco cachorros que tinha em casa.

Mas Deus quis que ele não curtisse por muito tempo o que ele tanto amava: a casa, o quarto... Ele amava a vida. E, de repente, é arrebatado sem poder terminar o que começou.

Às vezes eu estava preparando o almoço. Ele chegava e dizia:

- Mãe, vem cá. Vamos lá na frente ver como ficou bonita a tua casinha pintada, com telhado novo.

E nós dois ficávamos na calçada olhando a casa. Eu o abraçava e dizia:

- Muito obrigado, filho, por tudo isso que estás fazendo. Se não fosses tu, nada disso teríamos.

- Mãe – respondia – tu mereces muito mais. Eu vou fazer muito mais.

Assim era o meu filho Marcos, sempre querendo alegrar a mãe, a quem dava tanto carinho.

Mas passou o inverno e veio a primavera, a estação das flores. Todavia, junto com a beleza das flores, veio também a tristeza, a mais cruel das tristezas, que estamos vivendo. Casa florida, reformada, pintada. Na pequena área da frente um vaso de flores para alegrar a visão da casa, que Marquinhos lutou para arrumar para a mãe.

Tudo está muito bonito, mas já não tem aquele toque especial que é a presença do Marquinhos, dizendo:

- Mãe, vamos olhar as flores lá na frente. Vamos ver como está bonito. Tem jardim. Tem grama que nós, eu e ele plantamos, trabalhando até às dez e meia da noite, e no outro dia ele devia trabalhar no emprego.

Assim que vinha do serviço, me pegava pelo braço e dizia:

- Mãe, vamos ver a grama se está pegando.

E lá nós íamos ver a grama. E ele comentava:

- Já está verdinha. E o meu pé de nogueira já está começando a botar folhas.

Tudo era assim. O Marcos trabalhava todo o dia. E logo que vinha do serviço, ia cuidar do pátio, da grama. Era uma pessoa maravilhosa, amigo de verdade. Agora, em tudo vejo a falta do Marquinhos. E não adianta eu, como mãe, procurar. Tudo era para ele...

Ficou um vazio imenso, que só o tempo pode destruir. É a muita fé e amor a Deus que me confortam, nesta dura fase da vida. Como mãe

dedicada, lamento muito a falta deste filho. Sinto muito a falta dele. Sinto falta de fazer a comida dele. Adorava vê-lo chegar em casa e ter sempre uma surpresa agradável no almoço ou na janta. Sinto muita falta de lavar a roupa dele, roupa que eu cuidava com carinho, porque ele gostava de ir trabalhar bem limpinho e cheiroso. Sinto falta de arrumar a cama dele e mais de chamá-lo todos os dias às sete horas, para tomar café e ir ao trabalho...

Eu tento me iludir, mas a realidade é outra. Mesmo pensando assim: ah, meu filho está no trabalho, ou meu filho à noite está na escola. A verdade é que ele não vem mais do trabalho, não vem mais da escola. Não vou mais ver meu filho aqui no mundo dos vivos. Meu filho, para consolo, é só aquilo que ele viveu. Filho bom e bem comportado. Agora só em fotografia, de tamanho bem grande, que mandei fazer, e que posso vê-lo bem natural. Parece até que quer falar com a gente.

Mas tudo isso são coisas da vida. Foi uma perda vamos sentir não sei até quando. Só Deus sabe. Estamos nos esforçando muito para cair na realidade. E, antes de terminar estas páginas quero pedir a todas as mães e pais que curtam seus filhos. Amem seus filhos. Os filhos querem ser amados e ser tratados como seres humanos, como gente.

Ah, como eu amei e amo meus filhos. O maior consolo para mim é saber que meu filho partiu desta vida sabendo que era amado e que eu fazia para ele tudo com muito amor, com muito carinho. Não só para ele, mas para todos os meus filhos e netos. Como avó, meus netos têm o mesmo amor e carinho. Isto é muito gratificante.

Com isso, pode-se dizer: fazer todo o bem, que vale a pena viver, fazer da vida um céu de ternura, onde todos possam viver em harmonia e paz. Uma pessoa bem humorada numa casa, pode transformar vidas em seres muito humanos e bondosos. Marcos junto com a família era sempre uma festa, porque ele era feliz e a todos transmitia a paz do espírito.

MENINO DE OURO

Marcos era de fato um menino de ouro, conforme o qualificou um nosso vizinho, como ficou dito. Fazia de tudo para agradar a todos, dando atenção, nunca se preocupando consigo mesmo. Fazia rir a todos contando piadas. Alegre por natureza, ao lado dele ninguém podia estar triste.

Os sobrinhos, como sabemos, adoravam o tio brincalhão. Por isso, todos os fins de semana eles se reuniam na casa da vovó. Durante os 32 anos em que viveu em nossa companhia, Marcos foi sempre um menino dócil, calmo, inteligente. Um autêntico menino de ouro.

Sabia compreender a todos os irmãos desde pequeno. Nunca brigou com os amigos. Nunca foi uma criança arteira. Pelo contrário, foi sempre influído a trabalhar e a ser obediente, tanto em casa, como na escola ou no serviço. Educado e um tanto tímido. Enfim, uma criança perfeita. Todos lhe queriam bem, por ser justamente um menino exemplar, um menino de ouro, como a mãe carinhosamente o chamava.

Principiou a trabalhar no Artesanato Brasão com 13 anos, junto com o irmão mais velho João Carlos. Também estudava junto com o irmão. Estudavam de manhã e trabalhavam de tarde, sempre cumprindo direito o horário de trabalho.

Estudou até a 6ª série. Rodou. Repetiu e rodou novamente. Daí não quis mais estudar. Isto porque era muito certinho, enquanto os amigos queriam fazer bagunça depois da aula na rua. Ele não queria acompanhar e dar ouvidos aos malandros. Daí ele falou um dia:

- Mãe, eu repeti o ano porque a senhora pediu. Mas agora escolha: quer um filho burro e trabalhador ou um filho estudioso e vagabundo, sem-vergonha? Com esta turma de rapazes que não estudam e atrapalham na aula e depois, em vez de irem para casa, ficam na rua fazendo esculhambação. E se a gente não acompanha, dizem:

- Ah, filhinho da mamãe... E ele: Eu não quero mais estudar. Mas se a senhor insistir, eu vou.

Eu fiquei desarmada. Ele era um filho trabalhador e queria trabalhar. Eu falei:

- Está bem, filho. Se não queres mais estudar, podes ir trabalhar. Tudo bem. A mãe não fica braba contigo. Tu és o meu menino de ouro. Talvez um dia tenhas vontade de estudar.

Tudo ia bem. Ele começou a trabalhar de manhã e de tarde. Os patrões gostavam muito dele. Gostavam dos dois irmãos, que trabalhavam então na mesma firma. E ficaram trabalhando junto durante 16 anos. Depois, o mais velho resolveu sair para trabalhar por conta, o Marcos também saiu do artesanato e foi trabalhar na revendedora Chevrolet, na Auto Canela S.A.

Estava estudando fazia dois anos, cursando o supletivo de segundo grau. Com 32 anos, estava bem encaminhado. De repente, acontece aquele tremendo chicotação dos fatos. Ele com mais oito pessoas. Todos gente boa, deixaram exemplo excelente, que deve ser seguido.

Meu filho Marquinhos recebeu tantas homenagens póstumas que vale a pena deixá-las todas por escrito. Viveu 32 anos. Amava a vida, adorava a natureza, curtia a casa paterna, em que morava em companhia do pai e da mãe.

Depois da reforma da casa, onde nasceu, cresceu e se fez homem, dizia:

- Mãe, eu sou um cara feliz. Agora a casa está pronta, pintada, bonitinha, com a melhor mãe do mundo. O que eu quero mais? Meus amigos tem inveja de mim, por eu ter uma vida tranquila e feliz, sempre em paz com todos. Ninguém me incomoda. Não me falta nada.

Mas um dia eu falei:

- Tu devias arrumar uma namorada para te completar. Sair com ela de mãos dadas, passear, dançar. Não te parece que isto seria preciso para seres mais feliz?

- Mãe, - respondeu - eu tenho colegas no trabalho, na escola. Tenho amigos casados, amigos noivos. Todos, todos me dão mau exemplo. E eu não quero seguir o exemplo de nenhum deles. Vamos com calma. O dia em que encontrar uma menina que goste realmente de mim,

eu vou pensar muito seriamente. Eu sou feliz assim livre. Não te preocupes, mãe.

Então ele me agarrou pelo braço e me convidou para ir em frente da casa, lá na calçada.

- Veja, mãe, como esta bonitinha a nossa casa. Ficou bem com esta cor, não é, mãe?

Eu concordei e ele:

- Agora vou colocar um vaso de flores naquele canto para ti, mãe.

- Oh, meu filho, tu só queres me agradar.

E ele: Minha mãe merece muito mais. Ainda vou fazer mais coisas para tu ficares bem feliz com teu filho.

Jamais imaginei que meu filho não iria poder realizar todos os seus ambiciosos sonhos. Imaginar que nos iria deixar, envolvendo-nos num mar de lágrimas, assim tão inesperadamente.

Naquele momento, senti vontade de abraçar meu filho, beijá-lo e dizer-lhe que eu o amava muito, porque eu achava que um dia iria perder meu filho. Isto porque um jovem como ele, com tantas prerrogativas, tão virtuoso, de coração de ouro, não poderia continuar vivendo muito tempo neste mundo de tanta miséria e maldade. Achava que ele, com apenas 32 anos, havia cumprido sua missão na terra, para continuar a nos ajudar lá do céu, como aconteceu com outros jovens assim, a exemplo do nosso vizinho, o Ari Petry Gonçalves, filho de D. Almerinda; um rapaz exemplaríssimo, inteligente, trabalhador, morreu com 18 anos.

Mas eu não mostrava este lado materno para ele. Por isso, tratava-o com muito carinho, tendo sempre um cuidado extremo com ele, sempre torcendo para que o meu pressentimento não se concretizasse. Que este dia fatal não chegasse.

Nós somos uma família de fé, família que vive rezando, fazendo da vida uma constante oração, fazendo dela uma canção, vivendo na terra como se já estivesse no céu...

Eu vi muita gente construindo um inferno, embora vivendo com anjinhos inocentes em sua companhia.

Eu preferi construir um céu pintado de azul-horizonte e de branco. Azul, a cor escolhida por Marcos. Parece mentira que ele foi buscar a morte lá em cima no azul-horizonte, num dia lindo, de um lirismo enternecedor.

Marcos foi realizar seu sonho e não voltou mais. Agora só resta a casinha de lembrança. Eu olho tudo e vejo Marcos falando: Olha, mãe, que bonita a nossa casinha. A grama plantada por ele depois do trabalho, por vezes até às 23 horas da noite. A máquina de cortar grama. Tudo lembra o meu querido Marquinhos.

E as lágrimas sempre estão presentes nos cantos dos meus olhos. Penso: não devo chorar ele não quer a mãe triste. Ele fazia de tudo para me agradar. De março a outubro, então, foi uma curtição incrível, com a reforma da casa.

Camila aniversariava dia 19 de setembro, completando 12 primaveras. Marcos muito feliz, organizou uma festinha... Entramos em outubro. Tudo corria normalmente, Marcos falando: dia 21 vai haver voos panorâmicos. Eu quero ir ver os aviões.

Então, naquele dia de sábado, amanheceu chovendo. Ele passou todo o dia aborrecido, falando: não, mas amanhã não vai chover.

Veio o domingo. Levantou cedo. Tomou banho. Tomou café. Tudo às pressas. Pegou a bicicleta e saiu correndo para o aeroclube. Voltou ao meio-dia muito feliz. Disse:

- Mãe, eu e o Lúcio Parmegiani combinamos dar uma vortinha de avião.

- Vais mesmo, filho? - perguntei.

- Sim, mãe. Vamos.

E foi dar a notícia para a Liamar, que falou:

- Leve a Camila, Marcos. Ela tanto quer voar de avião.

CAMILA

Aos 20 anos de idade, Marcos Antônio ficou tio da Camila, a primeira sobrinha, de cujo batismo, no dia 1-9-83, foi padrinho junto com a Cármen Lúcia e Marcos Bezzi. Ele ficou tão contente com a chegada da sobrinha, que fez um trenzinho de papel com dois vagões. Era como se a Camila chegasse naquele trem. No 1º vagão, na portinha, lia-se “Cheguei dia 1-9-1983. Camila” No 2º vagão, estava escrito: “A infância é um magnífico lugar de sonhos onde tudo é possível e o melhor recém começa”.

Camila, enquanto a mãe lecionava na APAE de Canela, ficava com a avó. Então, o Marcos, sempre que podia, vivia com a Camilinha no colo.

Estava ela com 12 anos, quando, no dia 22 de outubro de 1995, tarde de um belo domingo, como sabemos, realizavam-se em Canela voos panorâmicos.

Marcos estava feliz, pois iria, enfim, realizar seu grande sonho de voar de avião.

Sábado de manhã, ao tomar café, eu olhei para ele e pensei: vou fazer-lhe uns carinhos, a fim de que ele sinta todo o amor materno. Peguei seu rosto com as duas mãos, apertei e dei-lhe três beijinhos, dizendo:

- Meu filhinho querido, sabes que te amo e te adoro.

Ele, como era meio palhacinho, respondeu com uma careta de língua de fora. Eu falei:

- Que bonitinho! Eu ainda vou tirar uma foto tua com essa careta.

Ele riu e saiu para o trabalho. Voltou ao meio-dia e disse:

- Hoje não tem aviões porque chove. Mas amanhã não é para chover.

Chegou o domingo. Logo começaram a chegar aviões teco-teco e outros maiores. Ele pegou a bicicleta e se mandou para o aeroclube. Ficou lá até meio-dia.

Chegou a almoçar e, muito feliz, contou que iria dar um passeio de avião com um amigo. Um passeio de apenas 20 minutos. Liamar falou:

- Vais levar a Camila junto, Marcos?

Ele olhou para a Liamar, apertou os lábios em sinal de preocupação. E Liamar:

- É o sonho de você e dela também.

- Está bem, está bem, mana. Vamos lá.

Logo chegou um amigo convidando-o a ir com ele à cidade de Igrejinha na Oktoberfest. Respondeu: Não, hoje vou andar de avião com a Camila.

Antes de saírem de casa, a Camila falou:

- Tio, e se o avião pechar?

- Tu já viu avião pechar no ar, guria?

E logo em seguida, os dois, cada qual em sua bicicleta, rumaram para o aeroporto. Ficamos em casa só nós três: eu, o Alaor e a Liamar.

Não sei explicar, mas entre nós três reinava um clima muito tenso, algo estranho pairava no ar, como se algo de anormal pudesse acontecer com meu filho e a netinha.

Nós passamos a tarde sentados na área da casa da Liamar, esperando que os dois voltassem felizes, para contar como foi o passeio. Lá estávamos ao ar livre, de onde podíamos avistar os aviões passando e nós abanando.

Resolvi preparar um café. Preparei e levei o bule na casa da Liamar, para tomarmos o café juntos. Chegando lá, não encontrei mais ninguém. Tudo silêncio. O carro lá estava na garagem.

Pensei: decerto foram a pé buscar a Camila a fim de voltar a Novo Hamburgo, onde moram.

Fiquei esperando. Às seis horas eu estava lá sozinha bateu na porta da garagem. Era o meu marido e o sogro do meu filho João Carlos. Osmar estava com cara de choro e falou:

- Aconteceu uma coisa muito triste. Mas não se assustem.

E não pode continuar a falar. Então, o Lauro, o sogro do João Carlos, falou direto:

- Seja forte e corajosa, D. Otília. O Marquinhos morreu.

Estas palavras foram tão violentas para mim como se fosse um tiro de canhão. Todavia, no mesmo instante, algo me transformou numa rocha forte, segurando-me pelas costas.

Sem falar por segundos, pude depois perguntar:

- O avião caiu?

- Sim, respondeu Lauro.

- E a Camila? - perguntei.

- Ela está bem. Foi ela que deu o número do meu telefone.

Achei muito estranho. Caiu o avião, morreram três pessoas e a Camila se salvou. Só pensei, não disse nada. Lauro falou:

- Quer ir lá?

- Sim, vamos já.

NO HOSPITAL

Fechei a casa e rumamos para o hospital de Gramado. Lá, uns choravam, outros conversavam, mas todos numa tristeza incrível. Estranhei ver ali tanta gente. Meus vizinhos estavam todos lá. Chegou minha nora Ingrid e perguntou:

- Vocês querem ver a Camila?

- Sim – respondi.

Peguei meu marido pelo braço e saímos. Atravessamos o corredor e fomos primeiro à capela do hospital. Entrei com um aperto no coração. Só faltava explodir de tanta tristeza. Vinha-me na cabeça: meu filho, meu filho, é mentira. Meu Deus, não pode ser. Marquinhos, meu menino de ouro, morto. Não, meu Deus, não pode ser.

Entre na capela e dei com os olhos na imagem do Sagrado Coração de Jesus. Eu estava ali sem poder rezar. Só olhei aquela linda imagem de braços abertos como querendo me falar ou abraçar. Eu disse: Meu bom Jesus, Vós um dia me destes este filho; hoje, com o coração transpassado de dor, eu vo-lo devolvo. Estou entregando-o de volta para Vós. E agradeço de coração por me haver poupado a querida netinha Camila.

Sem pensar em mais nada, saí da capela para ver a Camila. Chegando ao quarto, eu estava com medo de encontrar uma menina toda machucada, toda quebrada. Mas a Camila estava lá deitada na cama, apenas com um corte acima dos olhos, na testa, havendo recebido 14 pontos; uma pequena luxação no pulso direito e um pequeno arranhão em cada perna. Mas estava bem. Falava muito ligeiro. Dizia:

- Não se preocupe, vó. Eu estou bem. Só quero saber do tio Marcos. Como ele está? Sabe, vó, ele tirou o cinto de segurança dele para me proteger na batida contra a água. Eu senti toda a segurança com as palavras dele. Mas eu quero saber como ele está. Eu estou bem.

A Camila tremia muito. Estava com o corpo todo coberto de algas. O lago estava cheio de algas. Caindo na água, todos ficaram sujos. A

Camila ficou com aquelas algas todas no corpo até que lhe deram um banho e a vestiram com uma roupinha quente. Assim tudo ficou melhor.

Eu ainda não tinha ido ao necrotério para ver meu filho. Falei para a Camila:

- Agora vou procurar o Marcos. Depois venho te contar como ele está.

Dei-lhe um beijinho e agradei a Deus por ela estar bem.

A Liamar não se continha de tanta tristeza, por não poder chorar perto da filha, pois o médico estava ali cuidando. Ele disse:

- A menina não pode saber que o tio está morto. Só depois de 24 horas podem contar a ela.

Os familiares, entrando no quarto, deviam se comportar para não prejudicar a menina. Saí para ver meu filho. No corredor encontrei a Ingrid, que perguntou:

- Aonde vai, vó?

- Vou ver o Marquinhos.

- É melhor não ir agora. Ele está muito machucado.

Mas eu não quis esperar. Peguei o marido pelo braço, dizendo:

- Vamos ver o Marquinhos.

- Sim, vamos - respondeu.

Chegando na sala onde estavam os três corpos, eu sentia muita força para enfrentar o que viria pela frente. Parei na porta, olhei meu marido e a nora atrás de mim.

Havia ali uma Religiosa. Perguntei: Qual é o Marcos?

- É este - respondeu, apontando.

Estava coberto com um lençol. Pensei: meu filho, isto é mentira... Minha mente parecia uma máquina, de pensar em tanta coisa. Tudo tão ligeiro, que não podia nem chorar direito, de tanta tristeza.

Nosso amigo Lauro foi quem levantou o lençol. Pude então ver meu filho ali sem vida, morto, ainda quentinho, todo sujo, cheio de algas.

Não estava tão machucado. Apenas um pequeno corte no lado direito da testa e uma batida forte na face direita. Não estava irreconhecível. Estava inteiro. Morreu de traumatismo craniano e hemorragia cerebral.

Chorei muito ali. Tive vontade de dar-lhe um banho, trocar a roupa suja, ele que sempre andava limpinho.

Peguei sua mãozinha tão branca, beijei aquelas mãos que tanto trabalharam, aquelas mãos santas que tanto carinho me faziam. Aquelas mãos que heroicamente desafivelaram seu cinto para envolver e salvar alguém, que hoje é nosso consolo, nossa alegria. A Camila está com nós, porque Deus permitiu que o Marcos, seu anjo da guarda, conseguisse livrá-la da morte.

Nós perdemos o Marquinhos, talvez para bem dele mesmo. Acredito que ele está feliz por termos a Camila junto, salva por ele.

Filho, nós temos fé e acreditamos que de onde tu estiveres, o teu espírito nos acompanha e olha para aqueles que tanto te amavam e agora sentem a falta de tua presença, com muita saudade.

Dia 23 de outubro era o velório de cinco pessoas no salão da comunidade evangélica. Cinco caixões, um ao lado do outro: Marcos, Lúcio, Luiz, Augusto e Emiliano.

DEPOIMENTO DE CAMILA

Quando ouvi o estrondo do choque dos dois aviões – conta Camila - alguém perguntou ao piloto:

- O que foi isso?

- Não sei - respondeu. - Mas fiquem calmos que eu vou controlar.

O piloto tentou falar pelo rádio, mas não deu ligação. O Cessna começou a balançar e fazer ruído. O amigo que estava na frente do Marcos virou para trás, colocou a mão sobre o ombro do tio. Aí eu perguntei:

- Daí, tio, está gostando do passeio?

Ele apertou os lábios, sacudiu a cabeça, nervoso, preocupado.

Perguntei outra vez:

- Tio, está tudo bem com este avião?

Ele apertou os lábios novamente, sacudiu a cabeça e não parava de empurrar as mangas da camisa para cima.

Eu, agora, preocupada, falei: Tio, eu não quero morrer.

Aí ele abriu o cinto, pegou no meu rosto e disse: não olha. A seguir virou-se para mim e, num abraço muito apertado, falou:

- Fique calma, menina. Vai dar tudo certo.

Em seguida, alguém falou para o piloto:

- Tenta pousar num lugar plano.

- Não dá - respondeu - tem muitas árvores. Fiquem calmos, que eu vou botar o avião dentro daquele lago.

De repente, o avião entrou em parafuso, caindo vertiginosamente. O piloto falou: Agora não posso fazer mais nada.

Todos entramos em pânico, gritando. Eu, que acreditava nas palavras do tio, me saí bem, embora com um enorme corte na testa. Infelizmente, o tio e os demais sucumbiram com traumatismo craniano.

O voo durou apenas quatro minutos, acompanhado de dois anjos para nos salvar das águas. O piloto Luiz, que conseguiu colocar o avião na água, e o tio Marcos, que me abraçou e me protegeu na queda. E mais dois anjos, os irmãos que nos retiraram da água.

Eu gritava: não quero morrer. Não quero mais andar de avião... Para mim, Deus fez tudo direitinho, permitindo que o tio me acompanhasse na última viagem, até as portas do céu, carregando-me naquele afetuoso abraço, para me deixar com vida, para consolo de meus pais e especialmente da minha querida avó.

Para meu tio herói, quero deixar aqui minha homenagem de amor e gratidão: Tio, fomos sempre amigos. Por isso, saímos juntos para voar. Era o sonho do tio Marcos.

Deus quis que eu estivesse junto com ele para me proteger, melhor naquele momento. Se eu tivesse ficado em casa brincando e me dessem a notícia, eu não iria acreditar.

O Marcos nem nos iríamos aceitar deitado numa cama, sem falar, sem ver, sem ouvir, sem caminhar e sem sorrir, que era o que ele mais fazia. Eu nunca vou me lembrar dele sem chorar. Chorando, desesperada e triste, mas também com alegria e orgulho por ter um tio tão bacana, tão alegre e extrovertido.

Deus quis levá-lo porque era uma pessoa muito boa e honesta, para continuar no meio de tanta gente má. Sempre me lembrarei do meu tio herói, o Marquinhos. Aquela que nunca te esquece. Camila. 31-10-95.

* * *

O sobrinho Ismael escreveu: Esta homenagem é de agradecimento ao meu tio herói, o Marco Antônio, que salvou a vida de uma pessoa muito importante para mim, a minha prima Camila, amiga de coração.

Desde pequenos, brincávamos juntos, e o tio Marcos sempre nos protegendo. Infelizmente, Deus precisou dele. Ele nos deixou. A nossa casa perdeu a graça. Nossa alegria acabou. Ele sonhava andar um dia de

avião. Um sonho de ver tudo lá de cima, do alto, de chegar mais perto do céu. De repente, o sonho acabou.

Deus o chamou para junto dele.

Lembranças, lindas lembranças alegres vamos ter sempre dele. Eu acredito que ele continua com a gente, iluminando todos os momentos de nossa vida. Porque ele é um anjo junto de Deus, brilhando no céu. Eu quero que ele saiba de uma coisa: Estando lá com Deus, ele estará também sempre com a gente, em nossos corações; bandeira e camisa na mão, ele que era colorado; ele que era alegre demais.

Tenho certeza de que ele estará do nosso lado, sempre nos dando força não deixando que a tristeza tome conta de nós. Não sou poeta, mas quero dizer: obrigado, tio. Muito obrigado por teres feito parte de nossas vidas e de teres protegido tão bem a Camila. Teu sobrinho Ismael. 31-10-95.

* * *

O sobrinho Gustavo, de apenas cinco anos, muito triste perguntou se podia fazer uma homenagem para o tio Marcos. Ele sempre pegava o serrote do tio, os pregos e o martelo. O guri gostava de brincar de serrar e pregar com as ferramentas do tio. Eis homenagem do Gustavo:

“Tio Marcos querido, eu quero agradecer o churrasco tão gostoso que você preparava para nós.”

E Gustavo apertou a boca, piscou os olhinhos bonitos, num tom de tristeza e fez silêncio.

Era assim com o tio querido, que todos adoravam, lamentando sua inesperada partida deste mundo. Uma perda que toda a cidade chorou. As manifestações de carinho foram tantas, que jamais vamos esquecer.

Para um pai, uma mãe, irmãos, cunhados e cunhada, no meio da tragédia em que perdemos uma pessoa tão querida, é lindo, é maravilhoso, saber que num mundo tão violento pode-se criar filhos queridos.

Eu, Otília, sempre dizia: Eu me orgulho dos meus filhos. Eles sabiam disso e ficavam felizes. Um filho Deus levou, mas ficaram três e quatro netos, que vão continuar com nossas alegrias. Já ouvi meu filho

dizer: fiquem em paz porque sou feliz. Ou: mãezinha, muito obrigado por me deixar partir, sabendo que era amado.

MAIS DETALHES

Marcos e Camila passaram a tarde de domingo na fila, esperando a hora deles. Compraram as passagens. Agora – falou Marcos - ninguém pode se arrepender. As passagens estão compradas. Ninguém pode desistir. O Lúcio Parmegiani e a própria Camila já não estavam com vontade de voar.

- Então, tio - disse Camila – qual é o nosso avião?

- É aquele ali - respondeu - um Sertanejo.

- Aquele é mais bonito.

- Mas acontece - salientou Marcos - que não dá para irmos todos no Sertanejo, que é pequeno. Temos de ir no outro, no Cessna.

Chegou a hora de embarcar. Embarcaram no Cessna, que logo levantou voo. Andou apenas uns minutos e ouviu-se o estrondo... Não sei o que se passava na cabeça santa do meu filho, sabendo que os esperavam lá embaixo.

O companheiro perguntou se o Marcos estava gostando do passeio e ele, preocupado, apertando os lábios, ouviu a Camila dizer: tio, está tudo bem com este avião?

E Marcos, sem poder falar, balançou a cabeça e, batendo levemente com a mão fechada na boca, como a dizer: querida, estou preocupado contigo. Camila entendeu a aflição do tio e falou: tio, eu não quero morrer, eu não quero morrer.

Ela olhou para fora e viu tudo passando muito ligeiro. Marcos notou que ela olhava para fora. Abriu seu cinto e envolveu a sobrinha num abraço protetor. E falou: não olha para fora, Camila, fica quietinha assim, que nada vai acontecer contigo. Tu vais sair bem desta. Eu posso morrer, mas tu não.

Camila contou depois que se sentiu segura com aquele abraço do tio. Quando o avião começou a cair, ela começou a rezar... Diz ela que não acreditava no que estava acontecendo. Achava que estava sonhando...

Às seis horas foi quando os policiais socorreram a Camila, levando-a para o hospital junto com o tio... Deus poupou Camila de ver o tio morto dentro da água. Lá no hospital, ela queria saber como estava o tio. E declara que todos mentiam para ela, declarando que ele estava bem.

Ela disse para a avó que quando entrava alguém no quarto, ela fingia que estava dormindo a fim de ouvir a conversa e descobrir como o tio estava. Um dia, conta Camila, entrou no quarto uma senhora, eu fingi que estava dormindo. E aquela mulher cumprimentou a mãe e disse: Meu Deus, todos morreram, só ela se salvou.

Mas a verdade mesmo - prosseguiu Camila dizendo – foi terça-feira, foi a senhora, vó, que me contou tudo bem direitinho. Aí choramos juntos. Mas fiquei calma, porque assim foi melhor. Eu preferia vê-lo morto do que todo quebrado para o resto da vida... Se me mentiram foi para me proteger. Hoje sei toda a verdade e sei aceitar. Meu tio foi um herói. Fomos muito felizes em vida, ele era nossa alegria nos fins de semana. Tenho certeza de que se encontra, seus olhos estão voltados para nós, para sua família, que ele tanto amava e vai continuar protegendo a todos com mais ajuda de Deus, já que está junto com Nosso Senhor.

Com certeza, quando Marcos me abraçava, ele rezava pedindo a Deus que me poupasse - declara Camila. - Ele decerto sabia que o sofrimento da família seria menor ficando eu viva. Sabia que todos iriam chorar a sua morte; mas salvando minha vida, a dor não seria tão forte.

Para mim, mãe, foi a mais dura prova por que passei na vida. Católica fervorosa, jamais imaginei que um dia iria perder um filho... Mas, tudo bem. Aconteceu. Foi triste perder um filho, mas temos o conforto de ver minha neta salva pelos abençoados braços deste menino de ouro.

Camila, menina que nasceu duas vezes. Ela foi salva pelo tio e por dois policiais. Deus fez com que estes dois patrulheiros notassem a queda do avião e pudessem prestar socorro imediato.

O soldado Eder Oro de Oliveira com o grande esforço com que socorreu a menina e meu filho, chegou a provocar uma hérnia no estômago. O sargento Mauro Almeida, comandante da Polícia Rodoviária Estadual de Gramado, informou que irá requerer uma promoção por até de bravura ao soldado Eder Rudimar Oro de Oliveira.

* * *

Não posso deixar de relatar um fato importante que aconteceu com meu filho. O Marcos sonhava poder ir um dia comigo ao mercado e fazer compras com seu dinheiro. Quem fazia sempre as compras era meu marido. Eu, por vezes, sentia vontade de comprar alguma coisa especialmente para mim.

Em 1993 o Marcos principiou a trabalhar numa firma, sendo sempre muito bem visto pelos patrões, que o remuneraram bem. Pois assim que recebeu o primeiro salário, chegou em casa muito feliz e falou:

- Mãe, eu sempre trabalhei mas nunca pude realizar o teu sonho, porque ganhava pouco e não dava para nada. Mas agora eu quero te ajudar. Pega isto aqui e vai comprar o que sempre linhas vontade de comprar.

Olhei para ele e para o dinheiro. Radiante, saí e fui ao mercado. Lá peguei um carrinho e saí por entre as prateleiras. Nem sabia o que pegar. Mas, enfim, fiz uma boa compra.

Assim que o filho chegou do trabalho viu em cima da mesa a compra feita. E falou:

- Mãe, deu tudo isso?

- Sim, filho - respondi, abraçando-o. – Realizei meu sonho. Não imaginas como estou feliz.

E ele: de hoje em diante, mãe, vou realizar sempre o teu sonho.

Não era que eu precisasse sempre de ir ao mercado para comprar coisas que meu marido não comprava. Às vezes, ele trazia o que não era necessário. Eu ficava quieta. Pensava: um dia eu vou fazer o que desejo. Isto eu só consegui com o Marcos.

Depois, todos os meses, eu ia fazer minhas compras com o dinheiro do filho. Isto até janeiro de 1993, quando me aposentei como costureira.

Marcos não queria que eu comprasse comida com o dinheiro da minha aposentadoria. Queria que eu guardasse este dinheiro para fazer alguma compra de roupa, calçado e outras coisas. Pois, o Marcos faleceu e ele continua me ajudando lá do céu, como dizer: mãe, eu sempre vou te ajudar, mesmo depois que eu morrer.

Ao chegar o primeiro Natal após sua morte, aqui em casa ficou tudo triste. Adultos e crianças, todos, não podíamos aguentar a tristeza de ver chegar o Natal sem a presença do alegre Marquinho.

Um vazio imenso toma conta de mim. Sinto um aperto no coração. E logo uma grande vontade de chorar, recordando, as alegrias do último Natal festejado com ele. A cidade toda iluminada; ele convidava: mãe, vamos dar uma volta lá no centro para ver como a nossa cidade está bonita...

Às vezes, quando eu voltava da missa à noite, na calçada da praça estava o Marquinho sentado, com a sua bicicleta ao lado. Conversava um pouco com os amigos e logo vinha para casa, fazer-nos companhia, jantar com a mãe. E a saudade me faz chorar. Somente o tempo virá trazer-nos conforto... Espero que meu filho esteja no lugar que lhe foi preparado no céu.

Ele não era ambicioso nem vaidoso. Procurava guardar para si tesouros que os ladrões não roubam e a ferrugem não corrói.

Era de espírito alegre, amante da natureza. Agora, lá do alto, está olhando para nós...

O FUNERAL

A pequena rua João Manoel Corrêa não tem travessa; apenas uma quadra, diante do portão do Palácio de Férias do Governador do Estado, saída para Gramado, proximidades do trevo do Caracol, do Aeroporto e do Hotel Laje de Pedra. Nunca esteve tão movimentada como no dia 23-10-95, quando a população de Canela e uma legião de jornalistas lotaram completamente aquela via pública, a fim de colher detalhes da tragédia e solidariedar-se com a família Atayde. Jornais de Canela, Gramado, Caxias do Sul e, sobretudo, de Porto Alegre, durante semanas, passaram a noticiar com muitos detalhes e fotos o lamentável desenrolar da tragédia e do sofrimento dos familiares das vítimas.

O velório teve lugar, na tarde do dia 23, no salão da comunidade evangélica, onde se realizou um culto ecumênico, presidido pelo Pastor da comunidade, pelo Pe. Celestino Fritzen, pároco de Canela, e pelo Pe. Sérgio Simon, afilhado espiritual de D. Otília Atayde. A seguir, os corpos foram sepultados no Cemitério Municipal de Canela, com exceção do piloto Luiz Onero Savicki Hoffmann, que foi sepultado em Ana Rech, Caxias do Sul.

O pastor evangélico Clóvis Nar proferiu, na ocasião, a seguinte oração fúnebre:

“Neste momento desconcertante, Deus quer trazer sua palavra de consolo que encontramos registrada em Hebreus 10, 35: 'Não percam a coragem, a confiança, porque a confiança traz grande recompensa.

“Estimadas famílias enlutadas; estimados irmãos e irmãs em Cristo. Aqui estamos para levar jovens criaturas de Deus, uns na flor da idade, outros um pouco mais vividas, para a sepultura. Mais uma vez a morte agiu rapidamente, tão de imprevisto, de maneira tão trágica e revoltante.

“Estas circunstâncias tornam a presente despedida tão difícil. Difícil também em trazer-vos uma palavra, prezadas famílias enlutadas, uma palavra de conforto e consolo.

“Ao sabermos do trágico desaparecimento, ficamos perplexos a procurar uma resposta. E, como todos vocês certamente, ficamos, ou melhor, queríamos saber o porquê.

“Por quê tamanha tragédia? Foi castigo? Foi o destino que quis assim? Certamente não. Porque Deus é um Deus misericordioso, que não tira uma pessoa querida, nossos amados, para castigar! A nossa vida não está entregue a um destino cego.

“A nossa vida está entregue a Deus e nunca jamais ao destino. Deus tem um plano bem definido e claro.

“Não conseguimos encontrar uma resposta ao porquê cheio de tristeza, angústia e revolta. Digo mais uma vez: não temos resposta ao vosso porquê. Mas temos, isto sim, uma palavra de conforto, uma palavra que não é nossa, mas que nos é transmitida por aquele que sacrificou o seu único filho na cruz, para que o vosso filho, o vosso irmão, o vosso amigo, pudesse agora encontrar a paz!

“Ele, Deus, faz brilhar a sua luz de esperança e de amor neste, triste vale de sombras, de dúvidas, de revolta e de morte. Sim, apesar de tudo parecer contrário, Deus se fez presente. E esta sua presença, este seu amor, quer produzir confiança e certeza também nos corações daqueles em cujos ombros foi colocado tão pesado fardo, com esta morte inescusável, justamente agora em que voavam tão alto em seus ideais, em seus sonhos, eles aterrissam desta maneira!

“Não sei, realmente não sei. Mas, talvez porque queriam voar, vibravam com as alturas, Deus os buscou para sempre para as alturas!

“Prezados familiares, aqui estamos. Queremos ajudá-los. Não sabemos direito o que dizer. Não temos palavras, mas o ombro temos. Queremos oferecer este ombro amigo para que vocês possam derramar suas lágrimas como comunidade cristã aqui reunida. O que podemos fazer concretamente é pedir a Deus que não vos deixe faltar a confiança e a fé tão necessárias neste momento.

“Que este Deus faça sentir em vossos corações feridos a vitória de Cristo sobre a morte. Sabemos o quanto e difícil não desesperar nesta hora. Mas sabemos também de alguém no qual vocês podem e devem se apegar neste momento: Jesus Cristo, o único caminho para a salvação.

“Este Cristo quer vos acompanhar de volta ao vosso lar. Ele quer dar forças, consolo e esperança.

“Prezados familiares, este Deus que vocês conhecem, que vocês estudaram, este Deus do qual vocês ouviram nos cultos e nas missas, nas pregações, este Deus não vos fará sofrer além de vossas forças e além daquilo que vocês podem suportar.

“E aos nossos irmãos falecidos, recomendamos a misericórdia e a graça divina, da qual todos nós haveremos de necessitar, quando confrontados com o Senhor sobre a vida e morte. Amém.”

UM HEROI GAUCHO

(Crônica de Paulo Santana)

É como vente o relato da menina Camila Martins, com 12 anos, sobre os últimos instantes da queda do avião em que viajava com seu tio Marcos Antônio Eltz Atayde, 32 anos, que veio a morrer então.

Os dois eram muito ligados, e Marcos Antônio foi quem proporcionou a Camila a viagem, diante do grande desejo da menina de um dia poder voar. Camila conta que todos no avião apenas ouviram um estrondo, ninguém percebeu que tinha sido colisão com outro aparelho. Não sei se se pode chamar o que ocorreu com o avião em que estava Camila de *queda livre*, já que o piloto continuou com algum controle sobre a aeronave. Tanto que Camila conta ter seu tio perguntado ao piloto sobre o que houvera, depois do barulho. A resposta do piloto: “Não sei, mas está tudo bem.”

Só que, em seguida, todos perceberam que o avião estava caindo. O empresário Lúcio Parmegiani, que veio a morrer no acidente, ainda disse ao piloto no instante final: “Tenta pousar num lugar plano.” O piloto respondeu que não era possível, havia muitas árvores, mas iria tentar. Camila diz que “o piloto tentou de tudo, tudo mesmo, depois ele não parava de falar, estava muito nervoso.” E o avião caiu embicado dentro da água.

* * *

Só que em 30 ou 40 segundos antes do encontro do avião com a água e o fundo do açude, ocorreu um fato terrível e sublime ao mesmo tempo. Marcos Antônio, o tio de Camila, pressentindo a tragédia, desfivelou o seu cinto e jogou-se sobre a sobrinha, envolvendo-a num abraço protetor. Notem bem, meus leitores, que o bom senso determinava que Marcos Antônio ficasse atado ao cinto, o mesmo acontecia com Camila. Tecnicamente era aconselhável que ambos permanecessem assim até o temível baque.

No entanto, num ímpeto premonitório sobrenatural, eu diria até que metafísico, em face de remorso que assaltou Marcos Antônio por ter

colocado sua sobrinha naquela viagem que anunciava sinistra, ele mandou às favas a sensatez da previsão técnica, desvencilhou-se das amarras e foi dar um abraço protetor em sua sobrinha, adivinhando que isso viria a salvar a vida dela.

É inacreditável, mas foi isso que salvou a vida da Camila. Camila relata que seu tio envolveu-a num abraço e lhe disse que ela assim estava segura. Não era só de tranquilização da menina a sua atitude, servia também como uma extraordinária profecia sobre o que aconteceria a seguir. Foi um gesto de extrema coragem e de estupenda humanidade. Foi um suicida salvamento de outrem. É uma página de imorredouro heroísmo de um tio, de um homem que, embora jovem, pressentiu milagrosamente que a imolação de sua vida era necessária diante da possibilidade de que sobrevivesse uma criança, a quem a existência poderia continuar sorrindo com maior merecimento.

* * *

Há que se erguer uma estátua em Gramado para Marcos Antônio Eltz de Atayde, um herói gaúcho, um conterrâneo que nos orgulha, que nos impele nestes dias difíceis e desiludidos a acreditar, a ter fé nas pessoas que nos cercam, porque a qualquer momento elas podem ter uma reação divina em meio à insensatez dos seus gestos humanos.

Quando um tio oferece assim a sua vida a uma sobrinha, quando qualquer homem alcança a sua mão a outro homem em dificuldade, quando a renúncia completa de um ser humano redunde na felicidade, na salvação, na alegria ou na sobrevivência mesmo de seu semelhante, com o sacrifício de quem estende a ajuda, aí se consagra a vida, aí se distinguem os homens dos animais, aí se confirmam os evangelhos e se glorificam os humanos como filhos diletos de Deus ou simplesmente seres superiores.

(Zero Hora, 26-10-1995)

SAUDADES

Há 103 dias estamos sem você, meu menino de ouro... Filho querido, quando caiu sobre toda a nossa família tamanha aflição, parecia que um gigantesco mar revolto iria engolir a todos. Tal o abismo profundo que se abateu sobre todos. Lembrei-me, então, do dia em que Jesus, o grande Mestre, foi crucificado; naquele momento dramático, o céu rasgou-se de alto a baixo, encobrindo-o de luto...

No meio de tanta tristeza, filho, eu, como Maria, estava ali ao pé de minha cruz, sofrendo junto com teus irmãos e teu pai, e mais uma multidão de amigos e parentes, todos sofrendo a tua partida tão dramática.

Depois do fato estar consumado, filho querido, surgia a noite das tentações. Eu não tinha mais você e não sabia onde encontra-lo. Eu queria a todo custo saber onde estava o teu espírito, que era tão lindo, que era uma verdadeira luz no meu caminho, em nossos caminhos. Fiquei na dúvida, já que um dia, numa reunião de ministros, um padre falou que não gastássemos tempo em mandar rezar missa para os mortos. Então, uma senhora, que estava sentada ao lado, perguntou:

- Mas, Padre José, quando morre alguém?

-Morreu, morreu - respondeu o sacerdote. - Antes ele do que eu.

Fez-se um silêncio geral. Para mim, que já tinha perdido meu pai e minha mãe, fiquei muito triste. Mas não disse nada, porque era um padre que estava falando.

Daí veio a duvida. Não acreditei. Não acreditei mais em muita coisa. Morreu, morreu; e tudo o que me ensinaram?! Mas, de repente, morreu meu filho. Daí, irmãos, eu não queria pensar: morreu, morreu... Eu queria saber do resto. Onde estava a alma, o espírito; se tem ou não tem. Meu filho, eu quero saber onde estás tu. Se eu sempre procurei ser uma pessoa de dar bons exemplos, ajudar o próximo, viver em caridade, com fé, perdão e amor. E agora como vou fazer, já que não estou muito certa. Estou confusa, mas quero fortificar meu espírito, para assim entender melhor o que aconteceu.

Passamos 32 anos juntos, felizes. De repente vem o bandido e não estamos preparados... Mas, tudo bem. As provações estão aí e cabe a nós, cristãos, entendê-las e aceitá-las. No entanto, não é fácil.

Então, fui buscar forças na fonte da força. Falei com a Irmã Inês:

- Eu quero saber a verdade – falei. - Nós temos alma, temos espírito. Mas o tal Padre José me confundiu tudo.

- A senhora - falou - deveria pedir um sinal ao seu filho. Saber se o espírito está bem ou não. Saber o que está acontecendo.

Logo chegou um vizinho muito culto, bondoso, muito aprofundado e estudioso em questão de espiritualidade. Ele falou:

- Minha filha, venha conversar comigo - falou o vizinho, o sr. Edimur Pinto. Foi ele que acendeu a chama ardente do meu eu espiritual. Incrível. Pegou o Evangelho e me deu três horas de boa explicação, coisa que eu jamais havia ouvido. Coisa linda sobre nossa vida espiritual. Cheguei ao ponto de agradecer a Deus por ter livrado meu filho de tanta coisa ruim. Eu que tanto pedia a Deus que protegesse meu filho, um menino de ouro. Que o levasse com Ele e não deixá-lo aqui, pois ele já tinha terminado sua missão na terra. Enfim, compreendi a maravilha que existe entre o céu e a terra, e que a única lei que existe é aquela que Cristo deixou: amar a Deus de todo o coração e o próximo como a si mesmo.

Quem manda aqui é o amor, porque Deus é amor. E, para atravessar as fronteiras que existem entre Deus e o homem, ou entre o céu e a terra, devemos mudar muito, muito. Quem é bom deve lutar para ser melhor...

Pois agora tenho certeza acerca do que aprendi. Não podemos desesperar a respeito dos que partiram; eles continuam com toda a liberdade para olhar pela sua família e se sentem felizes sabendo que nós aqui na terra estamos conformados e felizes, rezando por eles e eles rezando por nós.

Quero deixar aqui um agradecimento especial ao meu grande amigo, o escritor Fidelis Dalcin Barbosa, que pronta e prazerosamente aceitou o convite de colaborar comigo no trabalho de escrever esta história. Por várias vezes, deslocou-se de Lagoa Vermelha para Canela, a fim de poder estar sempre em contato comigo e nossa família.

Outro agradecimento vai para o jornalista Paulo Santana, que, sob o título de “Um herói gaúcho”, fez um bellissimo e comovente pronunciamento na TV Gaúcha e, a seguir, publicou no jornal Zero Hora. Para uma mãe, um pai e irmãos, aquelas palavras num momento de suprema dor vieram atenuar nosso sofrimento.

No meio de tanta consternação, de repente a gente liga a televisão e depara com um senhor de cabelos brancos, simpático, prestando aquela maravilhosa homenagem. O conforto tomou conta de todos nós. Jamais imaginamos que um dia poderíamos ouvir palavras tão ricas e confortadoras. Muito obrigado, Paulo Santana.

Aos jornalistas da *Zero Hora*, do *Pioneiro*, do *Correio do Povo*, da *Nova Época*, da revista *Isto É* e outros jornais, vai aqui o meu sincero agradecimento.

REDAÇÕES DO MARCOS ANTÔNIO

No dia 10-10-95, fez na aula a seguinte redação:

“Sou destas pessoas que podemos chamar calma. Gosto de alegrias as pessoas e lugares por onde ando. Também faço todo o possível para ajudar os que precisam, sem medir esforços. Dou carinho a quem precisa, forças a quem necessita. Tudo isto é muito importante e nos ajuda a viver em harmonia com os semelhantes.

“O que me dá mais tristeza são as pessoas pobres, que não têm o que comer, principalmente crianças, que nada têm a ver com o mundo que nós criamos e são obrigadas a sobreviver.

“Sou também muito nervoso, quando tenho de me expor para outras pessoas; fico sem jeito e começo a tremer. Também quando faço algo e não dá certo, fico furioso, jogo tudo longe e, às vezes, até destruo o que foi feito. Espero uns minutos para que passe a raiva. Quando me sinto bem tranquilo, começo a refazer o que foi destruído. Fico, então, satisfeito comigo mesmo, por ter autocontrole e calma para concluir o trabalho que comecei”.

* * *

A Felicidade - 29-09-93- “A felicidade é viver em harmonia com nossos os amigos; fazer tudo o que der vontade e não desperdiçar tempo, que vale muito e não volta atrás. Por isso, devemos viver em harmonia fazendo felizes nossos semelhantes. Assim seremos felizes.

“Mas a vida aos prega peças que nos deixam abalados. Mas não podemos nos entregar a essas tristezas porque a vida foi feita para ser feliz, vivendo bem com nós mesmos.

“A felicidade e a alegria consistem em repartir com nossos semelhantes, porque fazer o bem só nos traz benefícios e nos deixa de bem com a vida e com nós mesmos”.

* * *

Como eu me sentiria sozinho em algum lugar - 9-9-95 – “Eu não me iria adaptar direito em outro lugar por diversos motivos: a falta de

confiança nas pessoas que são desconhecidas, por serem estranhas e com elas a gente se intimida.

“Aos poucos, a solidão começa a mostrar a cara e você não consegue fazer amizade. Isto é muito ruim. Começa a baixar o astral, os nossos pensamentos se voltam para a terra natal, para a família da gente, pensando nas coisas boas que aconteceram, as amizades que fincaram raízes...”

“Mas, voltando à realidade da história, imagine o tédio de estar, sozinho em qualquer lugar, sem uma pessoa amiga para conversar, descarregar a tensão do dia-a-dia com bons bate-papos, num barzinho da esquina; sem família em casa para contar alguma novidade que aconteceu durante o dia ou simplesmente dar um bom-dia... Tudo isto tem que constar nas nossas vidas, para podermos viver bem com nós mesmos e podermos retribuir da mesma forma.”

* * *

Críticas - 21-9-95 – “Nós todos somos pessoas que criticamos quase tudo, mas pouco ajudamos para tentar melhorar aquilo que criticamos.

“A crítica, geralmente, é vista de forma negativa, pois é mais fácil criticar do que elogiar. Os defeitos enxergamos com facilidade, sem nos preocupar de dar palpite ou uma ideia.

“Mas, por outro lado, a crítica construtiva ajuda a melhorar algo que não está bem.

“A ignorância acontece por causa da grande diferença das camadas sociais, hoje apenas duas: a classe alta e a classe baixa.

“As pessoas da classe baixa podem ser ignorantes por falta de estudo, por serem pobres, não puderam frequentar a escola, a fim de trabalhar.

“As pessoas da classe alta que são ignorantes, provavelmente são mal-educadas. São também assim porque acham que o poder do dinheiro fala mais alto, e acham que podem melhorar qualquer pessoa.

“Este é um dos graves problemas do mundo: o dinheiro. Quanto mais as pessoas ganham, mais querem ganhar. É a ambição pelo

dinheiro. Por isso, podem ser diferentes dos outros, mostrando as novidades que o dinheiro pode pagar.

“Mas o dinheiro compra a morte, que vem em forma de drogas e outros males. Este é um dos problemas mais graves do mundo”.

* * *

No Dia Nacional da Juventude, 5-9-95, Marcos escreveu: “A criação de um mundo mais justo e pacífico também depende da juventude. Ela também é responsável pelo futuro. Criar novas ideias e tomar novos rumos.

“Os jovens, com suas ideias, deverão revolucionar o mundo. Nós, jovens, devemos acompanhar o progresso, que se renova a cada minuto. Isto só acontece renovando as ideias e os costumes. Em várias regiões do Brasil, pessoas levam uma vida miserável, enquanto outros desperdiçam muita coisa, como alimento, que poderia ser aproveitado pelos mais humildes. Materiais de construção, que também poderiam ser aproveitados, estão se estragando; poderiam, por exemplo, ser utilizados nas escolas.

“Tudo poderia ser transformado, desde que os governantes dessem condições para todos poderem chegar ao entendimento. Nas escolas isto já está acontecendo. A escola faz a sua parte. Depois a sociedade acolhe as pessoas. o mundo não terá paz, enquanto os governantes não tiverem um diálogo a fim de avaliar os motivos.”

* * *

“Estas são ideias, simples, mas heróicas, de um homem simples. Para gostar de coisas assim, é preciso ter uma grande alma. Não há nada mais simples do que a grandeza. Ser simples e ser grande. Cultive a simplicidade, que é a virtude dos grandes.

Marcos era feliz, porque era uma pessoa simples. Nada mais conveniente que a grandeza da simplicidade. Nada mais querido que o jeito de ser de quem nada tem a perder, a não ser o fato de ser simples. Nada mais simpático do que aquele que simplesmente é, sem usar disfarces frívolos.

“Mas quando o mundo compreenderá o valor de corações assim? Quando deixarem de julgar os outros unicamente pelo que vestem ou pela

posição social que ocupam? Com quem, amigo Marcos, você realmente estava mais à vontade, sentindo-se livre, sentindo-se bem? Com a singeleza dos simples, é claro. Foi por ser simples que Marcos era admirado.

Era preciso que ele partisse deste mundo, deixando atrás de si toda a simplicidade de gestos de amor e bondade. Gestos heróicos que vieram enaltecer um homem simples, mas de alma transparente, que só aos anjos cabe conhecer.

Pessoas não imaginavam que existisse na face da terra um jovem chamado Marcos, cujo nome foi tirado da Bíblia Sagrada, Marcos Evangelista. E Antônio, nome do grande amigo de Jesus, o poderoso Santo Antônio. .

Marcos Antônio, na verdade, ele como ninguém soube dar o devido valor a estes dois nomes, que, por certo, espiritualmente, passavam a Marcos toda a energia de ser bem compreensivo, de espírito forte. Marcos tinha sempre atitudes heróicas. Ele sentia muita tristeza com tanta notícia ruim que se pode ouvir todo o dia na televisão. Brutalidade contra crianças e idosos...

Uma ocasião, Marcos declarou: se um dia eu chegar em casa e encontrar algum vadio querendo fazer mal à minha família, acho que não penso em mim e vou para cima dele. Posso morrer, mas defendo minha família.

Marcos era um anjo protetor da mãe, protetor dos sobrinhos. Sempre que pudesse, procurava fazer companhia à sua mãezinha...

01. NO ANIVERSARIO DA CAMILA

No dia 1º de outubro de 1992, Camila completava nove anos. Nesta data, Liamar e sua filha Camila escreveram uma carta para a mãe e avó D. Otília, nestes termos:

“Mãe: Neste dia em que a minha filha faz nove anos, eu agradeço esta felicidade a Deus e a ti, que me deram a oportunidade de estar aqui e

também assim dar a Camila a felicidade de viver e ter uma vó tão querida e dedicada.

“E tenho um amor muito, muito grande por ti e não quero te magoar nunca. Eu entendo o teu coração e sei que entendes o meu, e assim o amor cresce a cada dia mais.

“Eu te amo e te acho a melhor mãe do mundo.

“Obrigada pela tua paciência, pelo teu carinho, pela tua dedicação e amor que nos dás como mãe e avó que és.

“Vejo em ti o reflexo de uma obra-prima de Deus e quero te imitar quando eu for também mãe e avó.

“Um beijo seco e não babado das tuas admiradoras”

Lia e Camila

DEPOIMENTO DE CÁRMEN LÚCIA DE ATAYDE BEZZI

“O amor é mais forte do que a morte”. Um dia, nos bancos, escolares, recebi estes dizeres para dissertar. Fiquei confusa, pois o abstrato se mostrava explícito. Dissertei, mas juro que não entendi bem, nada bem; apenas usando a imaginação e vocábulos poéticos, tentei dizer o que poderia ser.

Hoje, vivenciando a experiência triste que nos atrelou, volto ao passado e penso: no que Deus é capaz de realizar em nossas vidas. Num gesto tão forte quão singelo veio a provar a aplicação da antiga parábola e me faz acreditar que o brinde que recebemos aqui na terra é de poder mudar o caminho das águas.

Irmanados neste sentimento de amor verdadeiro, de doação completa e despreziosa, podemos inundar nossas vidas numa constante e corajosa busca, enriquecendo-nos interiormente, amadurecendo um espírito humano pouco compreensível das coisas do coração, de busca incessante de se doar e de se querer bem.

Um coração que dói mas que ao mesmo tempo cresce e constrói numerosos castelos de força, alegria e felicidade. Pois a prova das profecias divinas se faz presente no dia-a-dia (amai-vos uns aos outros como eu vos amei), prevendo que o amor falado, dissertado, vivido é fruto dessa convivência que nos foi proporcionada durante os 32 anos da vida de um menino de ouro, que extrapola todos os medos e inseguranças, deixando-nos a realidade do provérbio sobre o qual um dia dissertei.

A morte vem, chega, fica e termina logo amanhã. O mais importante é o que fica. Vai chegando mansamente, tomando conta do nosso coração dividido em quatro partes. Uma para nascer, outra para amar, a terceira para sofrer e a última para morrer. Hoje, um coração dolorido, choroso, que, num toque de mágica, nos ensina que a parte maior do nosso sofrimento sucumbe, dando lugar ao amor, que o andar do tempo nos ensina.

Aqui fica o legado que me deixaste, querido irmão. Da tua Cármen Lúcia de Atayde Bezzi.

HOMENAGEM DA LIAMAR

Agradeço a Deus por haver unido meus pais no seu amor e dessa união nasceu você, Marquinhos, meu irmão.

Era o caçula, fofinho, lindo, de olhinho puxado. Sorridente, meigo e extremamente cativante. Um ser humano envolvido por uma aura natural de paz, humildade e pureza de espírito.

Talvez, por sermos ambos os mais novos dos quatro filhos, tínhamos mais afinidades, brincávamos mais e confidenciávamos mais. Eu sabia muito das suas particularidades, dos seus anseios, sonhos e desejos.

Lembro de quando éramos pequenos e tomávamos mamadeira, enfileirados na cama de nossos pais. Os dois meninos nas pontas e as duas meninas no meio. Fazíamos uma disputa para ver quem terminava primeiro, e, a cada ronco das mamadeiras, que iam esvaziando-se, era feita uma festa. Não lembro quem era o vencedor, porque acho que todos terminavam juntos.

Você era curioso e quando não entendia certas coisas, dizia: o que *infica* isso?

Tenho saudades de todos os Marquinhos que foste em nossa vida, desde o dia em que tu nasceste até o dia em que partiste.

Eu tinha cinco anos e lembro-me nitidamente: ouvi um chorinho de bebê de manhã bem cedo. Era o dia 2 de maio de 1963. Meu companheirinho havia nascido, brindando a vida, chorando, tão bonitinho! Que alegria nos deste, Marcos!

Sempre fomos muito amigos e agradeço a Deus todos os dias por nossos pais terem nos dado o privilégio e a graça de podermos ter convivido com você. Um irmão que poucos têm e muitos gostariam de ter. Um irmão que se foi, mas que na verdade ficará para sempre vivo em nossos corações.

Seguidamente lembrávamos de um incidente que ocorreu quando éramos pequenos. Naquela ocasião, salvei-o da morte por intoxicação. Foi um fato marcante para nós dois e, sempre em tom de brincadeira, eu falhava-lhe:

- Você me deve uma... não esquece que um dia eu salvei você. Fique alerta, porque de repente eu posso precisar da sua ajuda. - E você entrava na brincadeira: Se eu estiver perto, pode contar, comigo.

Tínhamos estas conversas e nos divertíamos muito. Mas, sinceramente, aquele incidente da infância fez com que eu me sentisse um pouco responsável pela sua vida. Eu sentia uma forte necessidade de protegê-lo. Era como se eu fosse um pouco sua mãe.

Eu sentia orgulho de tê-lo como irmão, ao meu lado. Isso era muito bom, nos aproximava sempre mais. Nossa amizade tornou-se harmoniosa, sincera, equilibrada, e com o passar dos anos cada vez mais forte.

Em 1982 casei-me. Tive uma filha, que nasceu no dia 1º de outubro de 1983 - Camila, sua sobrinha e afilhada, por quem você, Marcos, sempre teve um forte carinho e um grande amor.

Nós três formávamos um trio amoroso. Todo o carinho que eu sentia e dava para você, retornava a mim e para a Camila em dobro. Era uma troca harmoniosa do bem maior: o amor.

No verão, saíamos nós três de bicicleta a passear pelas ruas enfeitadas de Canela, a espera do Papai Noel. Passeávamos abraçados, de mãos dadas. Voltando par casa, você adorava olhar televisão deitado com a cabeça no meu colo, fazendo-se passar por bebê... Meu pequeno, grande irmão!

Eu admirava demais a maneira como você era receptivo ao meu afeto e, conseqüentemente, eu tornava-me inteiramente aberta ao seu afeto também. Afeto esse que eu sentia no seu abraço fraterno, quando eu chegava nos finais de semana, e quando eu ia embora.

Era um abraço inteiro, gostoso, quente. Nunca um abraço meio abraço... Sinto muita saudade dele, mas ao mesmo tempo agradecerei eternamente por este mesmo abraço, que, iluminado por Deus, salvou a vida de uma das pessoas mais amáveis, a vida da minha filha, que hoje, sem a tua presença, mostra no sorriso que esconde uma grande saudade,

mas que não hesita em demonstrar a admiração e o profundo amor que por ainda sente.

Agora, fico lembrando das nossas conversas e penso: nossa brincadeira tornou-se realidade. Eu realmente precisei de tua presença ao lado da Camila naquele triste momento que te levou. Mas a tua capacidade de amar mostrou que foste bem mais nobre do que eu, porque não salvaste uma vida simplesmente. Deste a tua vida por alguém que amaste profundamente.

E por esse seu gesto, agradeço a você e a Deus incessantemente, a todo momento. Sempre procuro estar falando com Deus, quero estar sempre em comunicação com Ele. Quando rezo, sinto-me bem perto de você, porque sei que estás bem perto de Deus.

Obrigado, meu irmão, por dar-nos 32 anos de boas gargalhadas. Obrigado, meu irmão, por ter escolhido a nossa família para ser o teu lar. Obrigado, meu querido e inesquecível irmão, por provar a todos nós a imensidade do teu amor.

Quero que Deus te abençoe para que continues protegendo a todos aqueles que amas. Quero que Deus esteja sempre contigo, transmitindo-lhe o nosso amor e gratidão. Amém. Eternamente, te amo. Tua irmã Liamar.

SONHOS DA CAMILA E DE SUA MÃE

Estava sentada num banco de igreja, quando vi um homem sentar-se ao meu lado. Eu estava olhando para baixo. Olhei, olhei novamente e disse: Tio, não é?

Ele fez sinal para que eu falasse baixo. Eu o abraçava, chorava e ria ao mesmo tempo, não acreditava que se tratasse do tio.

Chegou Adriana, uma amiga, perguntou:

- Por que você está assim com o braço?

E percebi que ela não o via. A seguir, veio a avó, a mãe do tio Marcos. Olhou para ele, chorando com muita felicidade.

Conversando com ele, eu o tocava para saber se era verdade o que estava acontecendo. Ele vestia um blusão que era dele. Parecia

Realidade. Infelizmente, não pude terminar o sonho que é o meu sonho de verdade. Alguém me acordou.

O *sonho da Liamar* - Entre muitos sonhos que tive com meu irmão, depois de sua morte, um me chamou a atenção.

Passeamos e conversamos muito, andando por lugares lindos e floridos. Ele dizia que estava bem, mas com muita saudade dos amigos, da família, especialmente da mãe, a quem mandou um beijo. Disse ainda que gostaria de estar fisicamente conosco, mas lá onde estava era muito bom e sentia-se bem.

Perguntei:

- Onde você está?

- Estou no porão - respondeu.

Eu não entendi e ele explicou:

- Para entenderes melhor, é que falei assim.

Era como se eu estivesse no porão de uma casa nova. Uma casa muito grande. Preciso ir para lá, preciso estudar muito a fim de poder

conhecer os caminhos que levam a esta casa. Daí poderei subir para o outro andar.

Como um momento mágico, eu entendi tudo. E nos despedimos.

HOMENAGEM DA FAMÍLIA ATAYDE

Queridos amigos Lúcio, Luiz, Marcos: Faz 30 dias que vocês partiram. Esta ausência é para nós sofrida demais. A saudade é tão grande, que parece não caber dentro de nós.

Em toda a parte, há lembranças e recordações dos momentos que passamos juntos. Tantos planos a concretizar e tantas alegrias tínhamos ainda a partilhar. Mas Deus traçou bem os caminhos de cada um e fez com que todos se cruzassem num ponto só.

A realidade é dura, sim. Ela nos faz sentir que o que temos a partilhar hoje é a tristeza de não termos vocês ao nosso lado, mas, em contrapartida, e também a certeza de que um dia nos encontraremos perante o Senhor.

Da realidade que estamos vivendo, devemos, sim, tirar de alguma forma uma força muito grande, para conseguirmos seguir por um caminho que nos leve a um só objetivo - a realização do bem e de todos os sonhos que tínhamos com vocês.

Devemos ter força para não nos deixar esmorecer, coragem e garra para vencermos as dificuldades, porque isto sempre vocês tiveram, associada a uma alegria enorme de viver; e a semente deste otimismo vocês plantaram muito bem, cabendo a nós agora o dever de cultivar da melhor forma e da maneira que vocês com certeza gostariam que cultivássemos esta plantinha.

É uma tarefa muito difícil, mas haveremos de conseguir apoiados e guiados pelas mãos de Deus e fortificados pelo amor que vocês deixaram em nós. A vida continua, e ela é mais rica, quando compreendemos o que somos e para que somos.

O que nos conforta nos momentos de dor e com certeza que vocês alcançaram o céu; não o lugar, mas o verdadeiro sentido e significado da palavra é: a plenitude completa e o mais profundo estado interior de paz e felicidade, de quem se encontrou no amor de Deus e de Cristo.

Por isso, quando a saudade e a tristeza aumentarem, procuraremos sentir em nosso interior o que nós acreditamos que vocês,

amigos que partiram, estão sentindo. Se nós acreditarmos que vocês estão felizes, procuraremos ser felizes também, pela felicidade de vocês e pela nossa que aqui ficamos, não perdendo jamais o verdadeiro sentido da vida, mas cultivando-a na esperança de um amanhã sem fim.

ADRIANA GISELE BUENO - CRISTY E SUDERCY CALDAS E

GIANA

“Querido amigo Marquinhos: eu tento tanto para lhe falar, que me faltam palavras. É grande o meu amor por você; amor-irmão, amor-amigo. Amor que, às vezes, parecia grande e bonito demais; não importa; o que importa é que era amor.

“Não sei te dizer adeus, porque adeus se diz a quem parte e não volta mais. Por mais que as evidências mostrem, a amizade que construímos prova-me que continuas vivo no coração e no pensamento de quem te ama e te admira.

“E não há nada para comparar, para poder lhe explicar como é grande o meu amor por você! Nem o céu, nem as estrelas, nem o mar e o infinito, nada é maior que o meu amor, nem mais bonito!

Me desespero a procurar alguma forma de lhe falar para dizer como é grande o meu amor por você! A saudade bate muito forte e, às vezes , não dá para segurar e, então, choro, choro de tanta saudade.

“Saudade de um amigo tão especial, das nossas gargalhadas, das voltas de bicicleta, desbravando Canela. Da alegria incomparável que sentia ao teu lado. Do teu olhar maroto, das tuas brincadeiras, do menino arteiro, das brigas de almofada, dos filmes na madrugada. Saudades de ser sua amiga. Saudade, muita saudade.

“Enfim, só se sente saudade do que foi bom; e conviver contigo foi maravilhoso. Só isso já é motivo para sentir-me privilegiada e feliz! Nunca se esqueça um segundo que eu tenho o amor maior do mundo. Como é grande o meu amor por você, Marquinhos!

“Tudo o que é bom dura o tempo suficiente para tomar-se inesquecível.”

Tua amiga Adriana Gisele Bueno.

* * *

Suas amigas Cristy e Sudercy Caldas e Giana Groos prestaram ao Marcos a seguinte homenagem: “Só hoje percebemos o quanto é frágil uma vida. Levamos nove meses para vir ao mundo. Somos gerados e criados com muitos cuidados, carinho, expectativa e ansiedade. E o destino quase sempre nos é duro, privando-nos, muitas vezes, de oportunidade de realizarmos grandes aspirações ou pequenos sonhos. Privando-nos de grandes alegrias de viver ao teu lado.

“A fatalidade nos tirou você, Marcos, deixando-nos sem a tua alegria, recordando o teu sorriso, a tua pureza de caráter, a tua dignidade, teus abraços carinhosos, teu profissionalismo e tua bondade. Jamais esqueceremos a tua força de vontade, a tua mão sempre estendida para apoio de alguém.

“Perdoa-nos, amigo, se fomos insensíveis, deixando de manifestar nossos sentimentos e não termos te exaltado enquanto estiveste conosco. O provérbio não falha: Só damos valor aos grandes amigos quando os perdemos, quando eles nos faltam. É isto é verdade, mas sabemos que você estará com a gente em cada lugar, em cada oração.

Enquanto um de nós existir, a tua lembrança será constante. Em qualquer lugar em que estejas agora, queremos que saiba que cada lágrima que correr em nossa face lembra as muitas alegrias que nos deste. Cada palavra que pronunciamos em tua memória é uma recordação sincera que ficou e que sentiremos demais a tua falta.

Deus com certeza reservou um lugar muito bonito para você, Marcos, bem ao lado dele. E ficaste também com um lugar especial em nossos corações. O céu ficou mais alegre, mais feliz, com a tua presença sorridente, como de uma pessoa muitíssimo especial”.

Tuas amigas Cristy e Sudercy Caldas e Giana.

POEMAS DA PROFESSORA LIAMAR DE ATAYDE MARTINS

Liamar, professora do Colégio Santa Catarina, de Novo Hamburgo, pena poética brilhante, fez da tragédia que vitimou seu irmão, salvando sua filha, uma canção, transformando a dor em maravilhosos poemas. Eilos:

“A morte é como um nado sincronizado. É como se alguém já tivesse programado... ela acontece no momento certo.

“E, então, nos perguntamos: Se ela estivesse distraída, aqueles detalhes ou coincidências, que a tornaram presente, poderiam ter mudado o rumo de sua apresentação... e aquele espetáculo poderia não ter acontecido.

“Mas, tal qual um nado sincronizado, a morte acontece também com seu momento de glória... E este momento é exatamente aquele em que a dança termina... sem nenhuma possibilidade de atraso, como se fosse num último som musical, o último gesto, o agradecimento pela oportunidade e... a saída... é o final!

“Certamente, aquele que criou a dança da vida e a dança da morte sabia desde o início o momento exato em que os integrantes dessa dança deveriam começar a respirar ou deixar de respirar...

“A vida e a morte andam de mãos dadas, formam um par, nascem juntas e quando uma pensa que perdeu a outra, é aí que realmente a tem.

“Para nós conseguimos sincronizar essa dupla, é preciso que saibamos dançar com amor e aceitar as regras e as condições que ela nos impõe... é preciso, acima de tudo, acreditarmos que sempre haverá uma nova dança, mesmo depois deste show, que é a nossa vida terrena.”

E ESSA DOR? Essa dor que já não dói no corpo... dói na alma!
Como faço para amenizá-la sem você?
Falta teu colo!...
Teu carinho!...
Teu sorriso!...

Teu doce beijo que cura pelo amor que tem...
Tua presença!
É uma dor que dói calada.
No fundo
No silêncio e até na alegria
Dói no escuro
Dói no claro
É uma dor no teu sorriso fotografado, que traz saudade.
É uma dor na lágrima que não consegue ficar guardada.
Sinto saudades, saudades de quem tu eras.
E muita saudade do teu amor...
Porque tudo ainda lembra você.
E por isso ainda sinto... essa dor.

* * *

MEU IRMÃO!

Meu irmão
Meu companheiro
Fiel amigo, porto seguro!
Exemplo de amor e humildade
Testemunho da paz e da sinceridade
A força do amor
Que por nós ainda sentes...

FOSTE AMOR

Na vida foste o apogeu,
Foste emoção, quase canção,
Ternura,
Sensibilidade.
 O bom da vida que prevaleceu
 Foste o avesso do contrário,
 O transparente do claro,
 Aquele que nunca esmoreceu!
Foste o mais forte, o mais sublime,
Foste o cristalino do teu Eu.
Foste aquilo que a razão, quando injusta
Sempre ofusca,
 Numa busca... deixa-o lá
 Adormecido e perdido,



Moribundo, bem no fundo
Tão sozinho e esquecido!
Mas a poesia mergulhou
Numa outra dimensão,
Foi tão fundo, foi tão alto
Num giro de pura emoção e
Trouxe à tona - o amor!
Aquele mais claro, mais puro,
Mais suave, mais seguro
Aquele que sem dor nasceu
E revelou quem eras tu:
O auge, o apogeu!
No brilho e na fantasia.
No elo que une magia,
Fundindo e tornando um só:
Deus, amor, você e a poesia.

ETERNO E TERNURA (*poema das mães*)

Ah! que amor é esse,
Tão lindo e complacente?!
Sequer o conheço e já sinto-o assim:
Apaixonadamente envolvente!
Vieste de um desejo vinculado
a uma complexidade que demasiadamente aprecio,
Porque sabes bem que quero tocar-te
quando a mim, acarício.
Ah! esse amor tão puro, sensitivo,
Despretensioso, suave e harmonioso,
Cheio de encanto e fantasia,
Acredita em quebranto.
Você existe em mim
Com a força de um amor poderoso,
Eu existo em você porque tornaste
esse amor por demais... contagioso.
Ah! esse amor sensato e prudente,
Amor que diviniza a Graça da vida na gente,
Uníssonos, quase perfeito,
Maternal, quase sem defeito!
Ah! esse olhar amoroso, suspeito,

Vigiando um ser pequenino em seu leito,
Que amor é esse?
Tão terno, franco e intenso, vindo de uma
mulher que dá ao filho o seu peito?
Ah! esse amor ponderado e essencial,
Afável, de alguém por demais coerente,
implícito,
Incomparável e vital:
É o amor de uma mãe... tão somente.

ORAÇÃO PARA DORMIR BEM

(oração criada para Camila, que aprendeu a rezar desde pequena)

Senhor, olha para mim,
Eu quero te dizer
Que o meu amor para Ti
Não tem fim.

E que o meu coraçãozinho
Para Ti está sempre aberto,
Por isso, pega na minha mãozinha
E me leva pelo caminho certo.

Este mundo, eu sei quem fez
E tenho toda certeza;
Foi você, meu bom Jesus
Quem me fez esta surpresa.
Agora, feliz vou dormir,
Mas vou Te fazer um pedido:
Fica aqui do meu lado,
pois durmo melhor contigo.

Boa noite, meu Jesus!
Espero que eu durma bem,
porque amanhã quero estar
contigo outra vez. Amém.

* * *

PARA A CAMILA

Camila, você nem mesmo existia
E o meu coração já rondavas,
Foi chegando de mansinho...
E logo em mim habitavas.
A barriga foi crescendo,

Linda transformação!
Era tu dentro de mim;
E eu vivia a maior emoção!
 Os dias foram passando,
 E nos dedos eu contava
 Aquele dia esperado,
 Aquele bebê desejado.
Numa noite estrelada,
Muito calma e um pouco fria,
Você resolveu presentear-nos;
Eu sorria e tu nascias (1-9-83).
 Desde então é dia de festa,
 De uma alegria sem fim,
 porque mesmo aqui de fora
 Viverás eternamente sempre
 Dentro de mim.

* * *

EXEMPLO
Foste humilde e paciente,
generoso e sonhador,
Amigo,
Gentil companheiro e lutador!
Só nos deste alegrias,
Momentos que vão ficar
Lembranças...
Boas lembranças...
que já não nos deixam chorar.
Obrigado, meu irmão.
Mostraste a todos nós
Que mesmo depois da morte
Ainda vives entre nós.
Foi o amor que aqui vivemos
Que nos faz acreditar
Que estás bem perto de Deus
E que por nós vai zelar.
Nos deixaste, foste embora,
Partiste deixando a dor,
Mas provaste a todos nós
A imensidão do teu amor!

Foi o mais precioso presente que nos deixaste ao te fazer ausente.
Soubeste amar enquanto estavas vivo...
Morreste amando
Morreste amado,
Herói e amigo.

UM GESTO DE AMOR

O gesto mais lindo,
Mais inteligente e
Mais iluminado...
Foi aquele que tiveste com quem esteve comigo
Na hora do adeus, ao teu lado
Provaste naquele momento
A força do mais puro sentimento...
O desejo de viver
O desejo de proteger...
O sofrimento vencendo
Fez uma parte de ti, extensão do teu amor, aqui permanecer
e continuar vivendo
Por este lindo gesto teu
Estaremos sempre a reconhecer
Tua nobreza de caráter
Tua ternura
Teu carinho
A tua doçura!

DOMÍNIO

É preciso dominar a saudade,
É preciso dominar o desejo,
É preciso dominar a dor.
Dominar até a ansiedade
Que é viver sem teu amor.
É preciso dominar-nos
Que partiste,
Deste adeus,
E que um dia estaremos juntos, no amor de Deus!
Que viemos para cá cumprir nossa missão...
Vivermos,
Doar-nos,

Amar-nos,
Fazemos da vida uma escola,
E aprendermos com o coração.
Tu mostraste quão bom aluno
Foste na vida terrestre,
Viveste,
Amaste e
Te doaste
No último abraço que deste!

ORAÇÃO FINAL

Fica conosco, Senhor, porque já é tarde e o dia declina.
Fica conosco e com toda a Igreja, na tarde deste dia, na tarde de
nossa vida, na tarde do mundo.
Fica conosco com tua graça e tua bondade.
Fica conosco quando sobrevém a noite de nossa aflição e
angústia, da dúvida e da tentação. A noite amarga da morte.
Fica conosco, Senhor, e com todos os que em Ti confiam e creem
nestes tempos e eternamente. Amém.



Figura 1 Camila aos três (acima), seis (esquerda) e oito (direita) anos.

**Figura 2 Camila com seus pais
Alaor e Liamar**

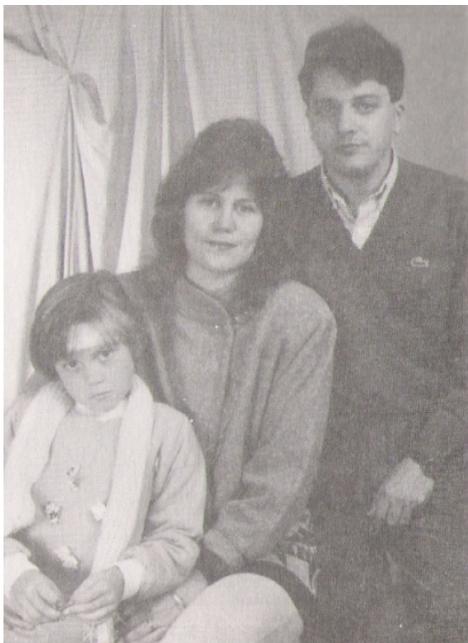




Figura 4 D. Otília com os netos.

Figura 3 Camila no hospital.

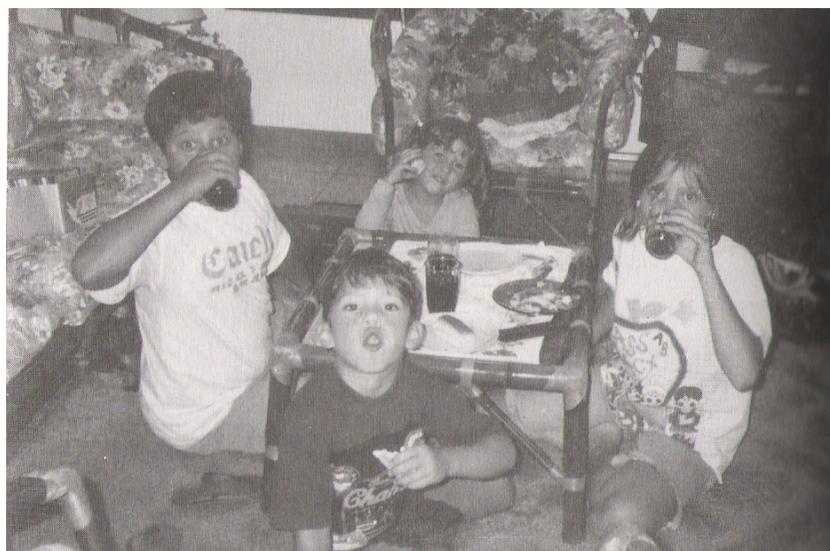


Figura 5 Os sobrinhos de Marco Antônio: Ismael (à esquerda), Gustavo (na frente), Ivi Bianca (nos fundos), Camila (à direita).



Figura 6 Osmar Atayde pai de Marcos.



Figura 7 Erna Eva Eltz – avó materna e os bisnetos Camila e Gustavo.



Figura 8 - João Carlos Atayde, esposa Ingrid Madalena Müller de Atayde e os filhos Ivi Bianca e Ismael.



Figura 9 - Osmar e Ottília Atayde logo após o seu casamento.

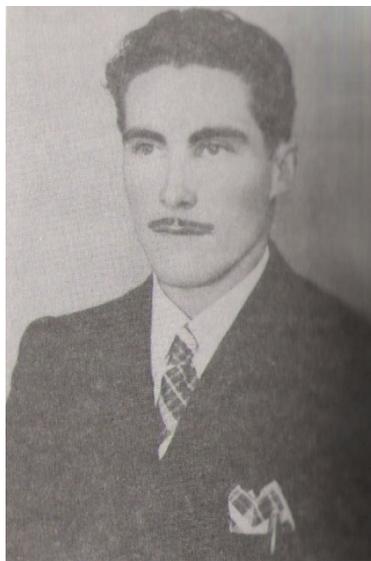


Figura 10 - Osmar Atayde solteiro.



Figura 11 - Ottília Atayde mãe de Marcos Antônio sentada à máquina de costura onde ganhava o dinheiro para ajudar na educação dos 4 filhos.

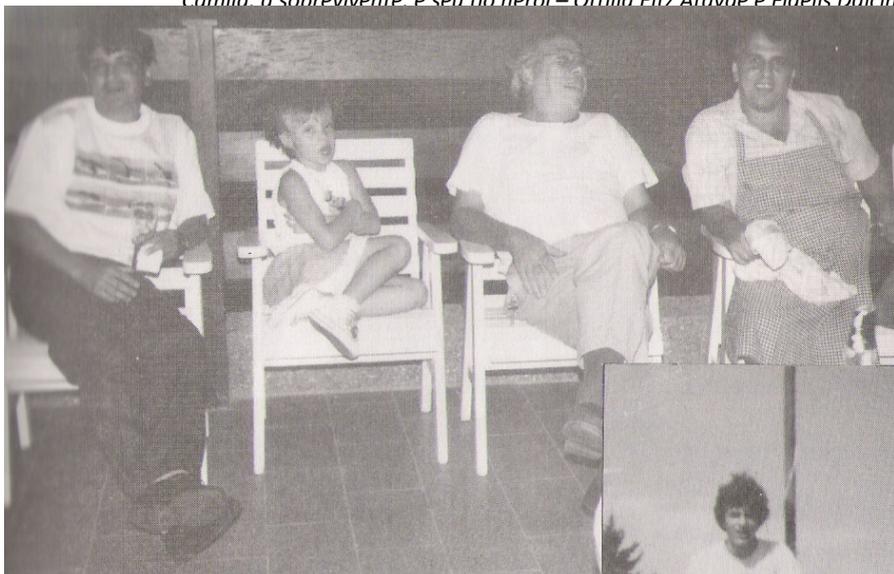


Figura 12 - Alaor Jesus Martins, pai de Camila, o 1º à esquerda, na praia, em companhia dos colegas do Banco Meridional.

Figura 43 – No casamento de Cármen Lúcia com Marcos Bezzi. Marcos Antônio, o 1º à esquerda, de casaco branco.



Figura 14 – Marcos Antônio aos 20 anos.



Figura 155 - Marcos com a grande amiga Adriana. Padrinhos de casamento de Isolde e Jorge em N. H. em 1994.



Figura 16 - No dia do casamento de Liamar: Marcos Antônio, Ingrid, João Carlos, Liamar, Alaor, Cármen Lúcia e Marcos Bezzi.



Figura 17 - Otília no jardim da casa; no fundo o Marcos.

Camila, a sobrevivente, e seu tio herói – Otília Fltz Atayde e Fidélis Dalcin



Figura 18 - Marcos, o 1º à esquerda, no dia do casamento de sua irmã Cármen, do qual ele foi padrinho.

Figura 19 - Marcos abraçado com a mãe Otília, o genro Alaor e a nora Ingrid.



Figura 20 - Julho de 95: da esquerda: Otília Atayde, Osmar Atayde, Camila, Marcos Antônio e Liamar de Atayde Martins.

Figura 21 - 1º de janeiro de 95: Osmar Atayde, D. Otília com os netos: Ismael, Camila (de boca aberta) e Ivi Bianca. Marcos Antônio, espiando na janela.



COMO FOI O CHOQUE

1 O acidente ocorreu por volta das 18h de domingo

2 Os dois aviões monomotores saíram do aeroclube de Canela

3 Depois do choque, o avião Sertanejo começou a cair em parafuso. Espatifou-se contra um barranco de pedra no bairro Três Pinheiros, a quatro quilômetros do centro de Gramado, no quilômetro 39 da RS-115, que liga Gramado a Taquara.



4 Caiu a três quilômetros do local do acidente, embicando em um lago, num sítio da localidade de Curva Farinha, próximo do quilômetro 31 da RS-235. O Cessna transportava quatro pessoas. Apenas a menina Camila, 12 anos, sobreviveu

Arte ZH

O LOCAL DO ACIDENTE

RS-235

Gramado

Aeroclube

Canela

3 O outro ainda voou por cerca de três quilômetros e caiu perto da RS-235



RS-115

1 Os dois aviões saíram do aeroclube de Canela

2 O choque entre os dois monomotores ocorreu a quatro quilômetros do centro de Gramado. Um dos aviões caiu no local



Rakem/Arte ZH





Figura 22 - O avião Cessna, que caiu no açude.



Figura 23 - Destroços: o avião Cessna 172, no qual estava a sobrevivente, caiu num lago depois do acidente.

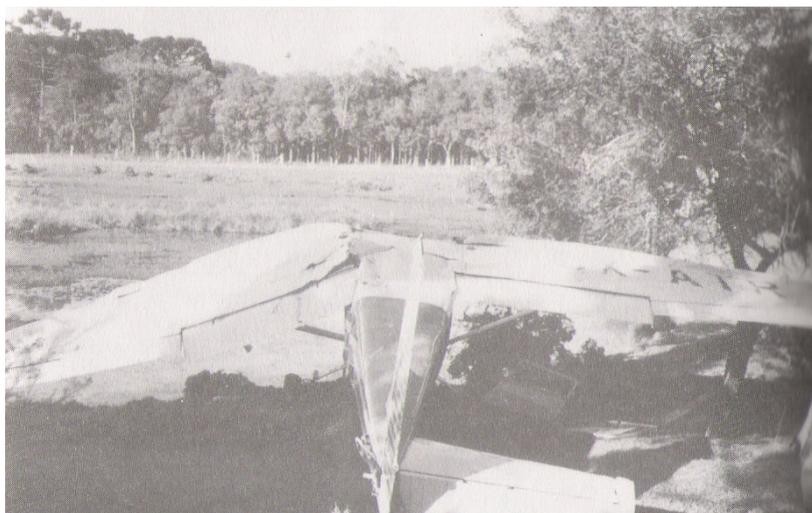


Figura 24 e 25 - O avião Cessna que caiu no açude salvando-se apenas Camila Martins, de 12 anos.



Figura 26 - Aeroporto de Canela.



**Figura 27 - Funeral –
Culto ecumênico na
Comunidade
Evangélica.**



Figura 28 - Os patrulheiros: Eder e Jonimar Oro de Oliveira, que resgataram a Camila e seu tio Marcos Antônio da água.



Figura 29 - Marcos Antônio Atayde, de 32 anos, o tio herói.



Figura 30 - Emiliano Fogaça Becker, 13 anos.





Figura 31 - César Augusto Schaeffer, copiloto do avião Sertanejo, 21 anos.



Figura 32 - Luiz Onero Savicki Hoffmann, piloto do avião sinistrado Cessna, 43 anos, foi sepultado em Ana Rech, Caxias do Sul.



Figura 33 - Antônio Sérgio Prux Fogaça, de 37 anos, filho de Laerte Fogaça.



Figura 34 - Lúcio Parmegiani, de 30 anos, deixou a esposa Mara e os filhos Tiago e Letícia.



Figura 35 - César Schaeffer



Figura 36 - Emiliano Fogaça



Figura 37 - Henrique Souza



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

um jovem deu a vida para salvar uma sobrinha de 12 anos.

Ottília Eltz Atayde, mãe deste jovem herói, fazia tempo que desejava escrever a história da família. Parece que estava apenas aguardando uma oportunidade para realizar o seu sonho. Entretanto, mal podia ela imaginar que esta oportunidade se apresentasse em meio a circunstâncias tão dramáticas, culminando com a morte de um filho muito querido.

Marcos Antônio - diz D. Ottília - era um jovem exemplar, destes que Deus chama para si na flor da idade, tirando-os do seio de um mundo repleto de maldade.

Além deste dramático e emocionante acontecimento, o salvamento milagroso da neta Camila concorre para tornar mais fascinante a narrativa desta tragédia, capaz de emocionar qualquer leitor.

A revista *Isto É*, no dia 26-10-95, publicou: "Domingo, 22, às 17h30min, dois aviões chocam-se em Gramado (RS) e nove pessoas morrem. Única sobrevivente: Camila Martins, 12 anos. No mesmo domingo, 22, às 18h30min, em Redenção (PA), um avião cai e sete pessoas morrem. Uma sobrevivente: Patrícia dos Santos, 12 anos. Camila quebrou um braço e perdeu um tio. Patrícia teve traumatismo craniano, uma perna amputada e perdeu os pais e uma irmã.

Na quinta-feira 26, *Isto É* pediu para Camila dar uma mensagem para Patrícia: 'Ela tem de acreditar em Deus. Tem muita gente rezando por ela'. Patrícia já saiu do estado de coma."



*Viveste,
Amaste e
Te doaste
No último abraço*



Município de
Passo Fundo
RUA DO COMÉRCIO, 100

